

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA.FACULDADE DE ARQUITECTURA
REABILITAÇÃO URBANA DO BAIRRO ALTO



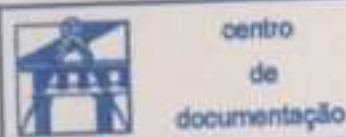
RITA AMBRÓSIO DE SOUSA

curso de Arquitectura

Relatório de estágio realizado na Câmara Municipal de Lisboa / Direcção Municipal de Reabilitação Urbana / Gabinete Técnico do Bairro Alto e Bica.

Supervisor por parte da Faculdade de Arquitectura _ Prof. Dr. João Rosado Correia
Orientador por parte do Gabinete Técnico do Bairro Alto _ Arq. Emanuele Pezzato

Lisboa, 1998



RE(ARQ)
66

RECARO)- 66

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA.FACULDADE DE ARQUITECTURA
REABILITAÇÃO URBANA DO BAIRRO ALTO

RITA AMBRÓSIO DE SOUSA

curso de Arquitectura

Relatório de estágio realizado na Câmara Municipal de Lisboa / Direcção Municipal de Reabilitação Urbana / Gabinete Técnico do Bairro Alto e Bica.

Supervisor por parte da Faculdade de Arquitectura _ Prof. Dr. João Rosado Correia
Orientador por parte do Gabinete Técnico do Bairro Alto _ Arq. Emanuele Pezzato

Lisboa, 1998



FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



8990012035

FACULDADE DE ARQUITECTURA
06000
(Centro de Documentação)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. João Rosário Correia, supervisor do trabalho por parte da Faculdade de Arquitectura, pela sua ajuda, disponibilidade e pelo empenho prestado.

Agradeço ao Arquitecto Emanuel Pezalla pela orientação técnica prestada ao longo do período de estágio no Gabinete Técnico do Bairro Alto.

Agradeço à Arquitecta Filomena Paço, Chefe de Divisão da empresa, pela oportunidade proporcionada para a realização deste estágio.

Agradeço a todos os colegas do gabinete, por todas as facilidades proporcionadas, indispensáveis para a realização deste estágio.

"No Bairro Alto as casas são velhas de séculos, mas as varandas não se fecham para o exterior, elas continuam sendo o veículo privilegiado de comunicação com os amigos e com os vizinhos membros todos de uma comunidade que faz da vontade em comunicar a referência de que está viva!"



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. João Rosado Correia, supervisor do relatório por parte da Faculdade de Arquitectura, pela sua inteira disponibilidade e pelo seu apoio prestado.

Agradeço ao Arquitecto Emanuele Pezzato pela orientação técnica prestada ao longo do período de estágio no Gabinete Técnico do Bairro Alto.

Agradeço à Arquitecta Filomena Rego, Chefe de Divisão do gabinete, pela oportunidade proporcionada para a realização deste estágio.

Agradeço a todos os colegas do gabinete, por todas as facilidades proporcionadas, imprescindíveis para a realização deste estágio.

ÍNDICE GERAL

1. **Introdução**
 2. **As origens do Bairro Alto**
 3. **Tipologias arquitectónicas do Bairro**
 4. **A "fotografia" do Bairro**
 - .breve caracterização do Bairro Alto
 - .objectivos gerais de intervenção
 5. **Principais deficiências funcionais e construtivas do edificado**
 6. **Metodologias gerais de reabilitação do Bairro Alto**
 7. **Gabinete Técnico do Bairro Alto e Bica (GTBA)**
 - .consciência de uma necessidade
 8. **Projecto Integrado do Palácio Marim Olhão**
 9. **Projectos de reabilitação de edifícios**
 - . intervenção no edifício de habitação na Travessa da Boa Hora, nº 19
 - . intervenção no edifício de habitação da Rua das Flores, nº 79-97
 10. **Síntese conclusiva**
- Lista de abreviaturas**
- Bibliografia**

1. INTRODUÇÃO

O Estágio, desenvolvido na Câmara Municipal de Lisboa / Direcção Municipal de Reabilitação Urbana / Gabinete Técnico do Bairro Alto e Bica (GTBA), teve como tema a **Reabilitação em Bairros Históricos Degradados**. Baseou-se na participação da acção de reabilitação urbana de Bairros históricos particularmente degradados, neste caso do Bairro Alto, tendo estado a estagiária inserida numa equipa de trabalho correspondente a uma das freguesias do Bairro - freguesia de Santa Catarina.

Os cinco séculos de existência que o caracterizam como local de tradições, pleno de poesia, e o mais carismático Bairro de Lisboa, trouxeram-lhe, também, devido ao passar dos anos e à vasta densidade populacional, a inevitável degradação urbana. A degradação dos edifícios e, em alguns casos, edifícios já em pleno estado de ruína, fizeram com que o Bairro viva hoje um já não adiável processo de recuperação. Este processo, que foi acompanhado de perto pela estagiária, é dirigido pelo Gabinete Técnico do Bairro Alto (GTBA), que aprova projectos, defende filosofias, efectua vistorias às obras em curso e traça estratégias de intervenção.

Concluir sobre o sucesso ou insucesso deste processo de recuperação; criticar as metodologias de intervenção; saber como se integram as necessidades dos habitantes na recuperação deste núcleo histórico e de que maneira são levadas em conta as opiniões dos mesmos são os objectivos deste relatório.

Será traçada uma estratégia sobre os pontos de investigação e análise do Bairro Alto: uma resenha histórica sobre o aparecimento e desenvolvimento do Bairro; um estudo sócio-cultural sobre a população residente; a caracterização das tipologias espaciais e construtivas dos edifícios existentes; as causas que provocaram a degradação do Bairro, e a conseqüente necessidade de o recuperar, e a filosofia de reabilitação proposta pelo Gabinete são os pontos fundamentais

para se chegar a qualquer tipo de conclusão sobre o sucesso de recuperação de mais uma zona histórica de Portugal.

Em que tipo de regras se apoia o GTBA para traçar a filosofia de intervenção; quais são as directivas fundamentais que permitem o processo de recuperação; quais são as preferências de realojamento e a consequente reestruturação espacial dos edifícios, são outros objectivos a alcançar.

Durante a realização do Estágio distinguiram-se diferentes fases. Uma primeira fase que englobou etapas de análise, recolha e actualização de elementos sobre a situação actual do Bairro - "fotografia" do Bairro. Durante este período, tentou conciliar-se, tanto a componente prática, como a teórica. Como tal, entendeu-se que uma investigação da componente histórica do Bairro serviria para dar, também, um conhecimento mais geral do tema abordado.

A segunda fase teve como objectivo um diagnóstico de intervenção, com identificação de estados de degradação dos edifícios para estabelecimento de prioridades de actuação.

Na terceira fase foram elaboradas fichas-tipo UNESCO, com vista ao levantamento do património edificado, classificado ou não, com vista à definição da área histórica a defender.

A quarta etapa foi a de intervenção em edifícios específicos, em termos de projecto de arquitectura e acompanhamento de obra, tendo em conta os processos de restauro e intervenção, e materiais a utilizar, não esquecendo a manutenção das características construtivas manifestas no edifício. Assim acompanhou-se a intervenção no edifício de habitação da Travessa da Boa Hora, nº 19 e no edifício de habitação da Rua das Flores, nº 79-97.

Acompanhando este processo, a estagiária participou, também, no Projecto Integrado do Palácio Marim Olhão, que tem como objectivo a intervenção no Palácio e em toda a zona envolvente - num total de 40 edifícios - de modo a revitalizar toda essa zona do Bairro.

2. AS ORIGENS DO BAIRRO ALTO

Pensou-se ser importante abordar a componente histórica do Bairro, já que esta é considerada importante para algumas possíveis explicações das tipologias e parte construtiva do edificado da zona.

"O Bairro Alto marca a passagem do século XVI para o século XVII na vida urbana de Lisboa e a aquisição de uma consciência urbanística e arquitectónica na cidade." ⁽¹⁾

O Bairro Alto surgiu no princípio do século XVI (1513), quando se procedeu ao povoamento das terras de um homem chamado Bartolomeu de Andrade. Com o loteamento em talhões, deu-se início à primeira fase de urbanização do Bairro Alto - a Vila Nova de Andrade - que se estendia ao longo da Cerca Fernandina até à Travessa da Queimada, a Norte, e Santa Catarina, a Ocidente.

Esta urbanização caracterizava-se por um traçado regular em vias ortogonais com integração nas estruturas pré-existentes e que sabia tirar partido das boas condições naturais desse lugar. Tal facto atraiu novos moradores. No ano de 1523, o Rei D. João III mandou erigir um cemitério para uso do próprio Bairro, assim como a Ermida das Chagas.

Em meados do século XVI, deu-se a segunda fase urbanística desta zona, directamente relacionada com a instalação dos Jesuítas na Ermida de S. Roque. A presença destes elementos do clero, pelo seu prestígio, incutiu um maior respeito e sentimento atractivo pelo local por parte das classes privilegiadas. Assim, o Bairro Alto, que começou por ser habitado por pessoas simples e humildes, depressa passa também a ser lugar preferido para viver, do alto clero e da nobreza, que aqui construíram palácios, conventos e igrejas. Surge, então, e naturalmente, uma fusão entre duas tipologias arquitectónicas bem representativas da cultura portuguesa: a tradicional, de raiz popular, e a erudita ligada à aristocracia. Por

¹ In, FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, Bertrand Editora, 3ª edição, Dez. 1987.

Zona Norte da Cerca Fernandina com as principais ruas de orientação nas linhas do século XV
Cerca Santa Catarina, Travessa da Queimada e Travessa da Moura

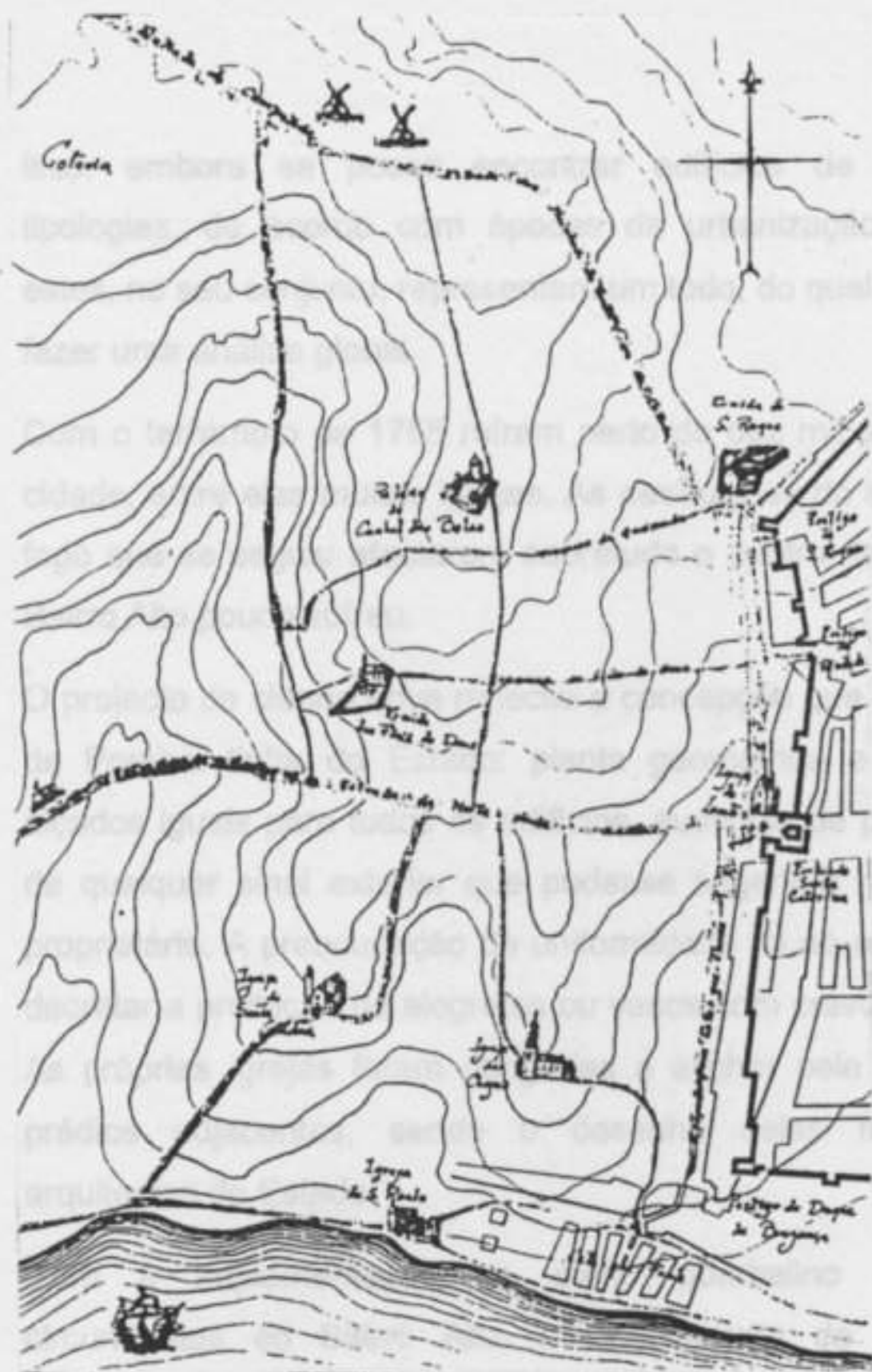


Igreja do Loreto



Igreja de São Roque

Primeira fase de urbanização do Bairro Alto
Cerca Santa Catarina, Travessa da Queimada e Travessa da Moura

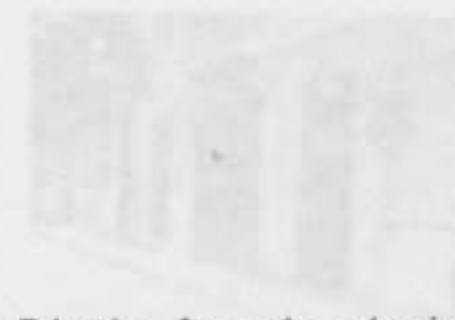


Plano da Igreja de S. Paulo, uma das igrejas de nova cidade portuguesa.



Alguns traços de planta da Igreja de S. Paulo.

Zona Poente da Cerca Fernandina com as principais vias de comunicação nos finais do séc. XV
(fonte: *Bairro Alto, Tipologias e modos Arquitectónicos*)



Primeira fase de urbanização do Bairro Alto.
(fonte: *Bairro Alto, Tipologias e modos Arquitectónicos*)

isso, embora se possa encontrar edifícios de diferentes tipologias, de acordo com épocas de urbanização distintas, estes, no seu conjunto, representam um todo, do qual é possível fazer uma análise global.

Com o terramoto de 1755 ruíram perto de dez mil edifícios na cidade, entre eles muitas igrejas. As destruições do sismo e do fogo que se seguiu afectaram sobretudo o centro da cidade; o Bairro Alto pouco sofreu.

O projecto da cidade nova reflectia a concepção que o Marquês de Pombal tinha do Estado: planta geométrica e rectilínea, alçados iguais para todos os edifícios, ausência de palácios ou de qualquer sinal exterior que pudesse sugerir a nobreza do proprietário. A preocupação da uniformidade foi ao ponto de se decretar a proibição de alegretes ou vasos com cravos à janela. As próprias igrejas foram obrigadas a alinhar pela altura dos prédios adjacentes, sendo o desenho delas feito pelos arquitectos do Estado.

Com a implementação do plano pombalino nas ruas circundantes ao Bairro Alto, nomeadamente de S. Roque (Misericórdia), do Calhariz e do Século, alterou-se em muito a imagem de conjunto através da construção de novas fachadas monumentais e processou-se à separação definitiva entre o Bairro Alto, as Chagas e Santa Catarina. Quase todos os palácios foram modificados em obras de restauro e modernização. Outros foram simplesmente desmembrados, devido ao abandono pelos seus proprietários.

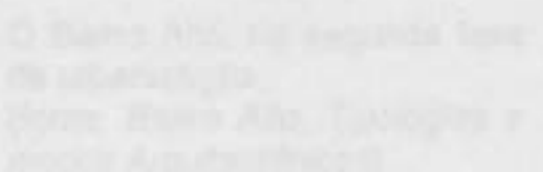
Neste processo de reestruturação houve a preocupação, por parte dos arquitectos, de integrar esta zona alta com o novo traçado da cidade de Lisboa. Esta preocupação traduziu-se essencialmente na articulação cuidada das ligações entre as duas partes da cidade. Mas com o passar do tempo, assistiu-se a uma degradação dos acessos, a uma incoerente definição das ruas principais, o que tornou realidade deste Bairro a economia de subsistência, assente no pequeno comércio e indústria artesanal. O grande comércio estende-se pelas ruas da periferia. O estabelecimento progressivo de tipografias e da Imprensa, durante o século XIX, veio conferir-lhe o estatuto de meio cultural com características muito particulares, transformando-o em local de tertúlias. O Bairro Alto assumiu um



Praça Luís de Camões, uma das reflexões da nova cidade pombalina.



Água furtada de desenho pombalino



O Bairro Alto, na segunda metade do século XVIII



Tipografia na Rua da Rosa



O Bairro Alto, na segunda fase de urbanização.
(fonte: *Bairro Alto, Tipologias e modos Arquitectónicos*)



O Bairro Alto em meados do séc. XIX. Planta de Lisboa de 1844 (CML).

papel industrial desde os princípios do século XIX, representado pelas mencionadas tipografias; conserva-o até hoje.

Importa referir a existência de alguns pátios e vilas no Bairro. Estas estruturas urbanas de habitação multi-familiar, organizadas em torno de um espaço comum, correspondiam, em certos casos, a Bairros operários da época da industrialização e, noutros, ao aproveitamento de edifícios pré-existentes, como conventos e palácios desabitados. Alguns palácios do Bairro foram sendo, progressivamente, abandonados e têm vindo a ser ocupados por serviços privados ou estatais.

A população do Bairro foi-se densificando durante a Segunda Guerra Mundial, o que originou "acrescentos" verticais no edificado e a consequente subdivisão dos alojamentos ou de espaços interiores dos mesmos. Para aumentar o número de fogos por lote, começou a construir-se novos pisos sobre os existentes, surgindo as mansardas, as águas furtadas e as trapeiras para arejamento.

O interior dos quarteirões foi sendo progressivamente ocupado por casas de banho, cozinhas, áreas de lavagem e tratamento de roupas, marquises e arrumos, armazéns de apoio às actividades comerciais, que ocupam a maioria dos pisos térreos, muitos dos quais não possuem iluminação e ventilação suficientes na fachada tardoz.

No início do século XX, devido à criação e melhoria de acessos ao interior do Bairro, com a definição de ruas principais e construção de elevadores, desenvolve-se a economia de subsistência deste núcleo histórico; o pequeno comércio e a indústria artesanal implantam-se no interior do Bairro e o grande comércio na periferia.

Nos anos 40, o Engenheiro Duarte Pacheco elaborou um projecto para melhorar o trânsito que substituiu o traçado do Bairro por duas largas avenidas, uma do Largo de Camões à Praça do Príncipe Real, e outra, cruzando a primeira, da Avenida da Liberdade até ao Vale de São Bento. Também o Arquitecto Cristino da Silva projectou dois grandes eixos viários, com dez metros de largura, ladeados por edifícios em estilo "Português Suave", que anulariam grande parte do Bairro Alto: ficou por uma série de intenções.



Exemplos de "acrescentos" verticais no Largo Camões

O Bairro Alto, embora tenha perdido muito do seu peso industrial a favor do comércio, que foi conquistando o seu espaço próprio, é hoje mais do que um velho Bairro residencial. Da sua história ficaram relações de entre ajuda que não se apagaram e pedaços de vidas boémias.

Este artigo trata do quadro geral de desenvolvimento e desenvolvimento do Bairro Alto, pois as, também, define alguns tipos de edifícios correspondentes a estas mudanças de época.

Tipo 1, corresponde à época que inclui o aproveitamento do Bairro no século XV e prolonga-se até meados do século XVII. É de características medievais, com o espaço interior se articulando com a praça. O tipo geral, ao tratar-se de edifícios de habitação principal e ao utilizar nos interiores um logradouro (com vista de assegurar a ventilação e iluminação das casas, serve também de apoio aos espaços exteriores), prevalece uma relação de vizinhança com o quarteirão e do quarteirão com a cidade. O esquema espacial destes edifícios varia muito durante o tempo das construções desta época. O esquema habitual de domos interiores dá-se ao nível do, neste tipo, existindo uma série de apartamentos públicos como lavabouros, banhos e banhos. A tipologia construída e construída desta época é caracterizada pela utilização de paredes de alvenaria de pedra que conferem o carácter de maior grau de rigidez, de segurança ou de estabilidade, dando origem a estruturas de planta geométrica regular. Os pavimentos, em edifícios mais ricos, eram geralmente em madeira sobre arcos e abóbodas de alvenaria de toda a espécie, de onde, por vezes, mais pobres, em alguns casos com espaços vazios em madeira e madeira espessa dispostos sobre as paredes de pedra. É também característica desta época um grande número de janelas interiores e janelas aboboadas para o exterior, dando assim à construção um aspecto singular.

Tipo 2, corresponde à época portuguesa - meados do século XVII até ao último quartel do século XIX - e caracteriza-se pelo nível da planta do edifício que não ultrapassa o 1.º andar de altura, isto é, os terrenos de 1700 e os do lado

1. Para uma classificação de edifícios tradicionais, veja-se o estudo de Bairro Alto, Terceira e outras Antiquárias, de José Carlos e Almeida de Almeida e Albuquerque, em "História do Bairro Alto", editado pela Câmara Municipal de Lisboa, 1980.

3. TIPOLOGIAS ARQUITECTÓNICAS DO BAIRRO

De acordo com as quatro fases de aparecimento e desenvolvimento do Bairro Alto, pode-se, também, definir quatro tipologias de edifícios correspondentes a essas mesmas épocas⁽²⁾.

Tipo 1. corresponde à época que inicia o aparecimento do Bairro no século XV e prolonga-se até meados do século XVII. É de características medievais, onde o espaço interior se articula com o pátio. O tipo gótico, ao tratar mais cuidadosamente a fachada principal e ao colocar nas traseiras um logradouro (que além de assegurar a ventilação e iluminação das casas, servia também de apoio aos serviços domésticos), permitiu uma relação de unidade com o quarteirão e do quarteirão com a cidade. O esquema espacial deriva dos lotes muito estreitos e compridos tão característicos desta época. O escasso número de divisões interiores deve-se ao facto de, nesta época, existirem uma série de equipamentos públicos como lavadouros, fornos e banhos. A tipologia estrutural e construtiva desta época é caracterizada pela utilização de paredes de alvenaria de pedra que, conforme o maior ou menor grau de riqueza, se engrossam ou se esbeltam, dando origem a melhores ou piores geometrias espaciais. Os pavimentos, em edifícios mais ricos, eram geralmente em madeira sobre arcos e abóbadas de alvenaria de tijolo maciço, ou então, nos edifícios mais pobres, em sobrado assente num espaçado vigamento em madeira apoiado directamente sobre as paredes meãs. É também característico desta época um grande número de paredes interiores e poucas aberturas para o exterior, dando assim à construção um aspecto maciço.

Tipo 2. Corresponde à época pombalina - meados do século XVIII até ao terceiro quartel do século XIX - e sente-se mais a nível da periferia do Bairro do que nele propriamente dito, visto ter resistido bem ao terramoto de 1755 e de ter havido

² Para esta classificação de tipologias foram tidos como referência os estudos: *Bairro Alto, Tipologias e Modos Arquitectónicos* (Helder Carita) e *Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto* (António Reis Cabrita, João Appleton e José Aguiar).

necessidade de se fazer uma ligação com a nova cidade, localizada na Baixa de Lisboa, como se sabe de características pombalinas. A tipologia pombalina trouxe novas características ao Bairro Alto, como por exemplo: ritmo de composição e modulação de fachadas; o prédio de rendimento; aumento da dimensão dos lotes; introdução de saguões; uma maior especificação funcional, hierárquica e espacial; maior homogeneidade na proporção dos compartimentos; aumento dos vãos que marcam agora a hierarquia dos vários pisos (nomeadamente na diferenciação de vãos com janela de sacada ou de peito); elevação das paredes meãs até ao telhado, que passaram a funcionar como corta fogo; introdução da chaminé, pia de despejos ligada ao saguão e sistemas gerais de esgotos. Pode-se dizer que houve uma alteração no comportamento da população que, embora continuasse muito ligada à vida pública, tinha agora dentro da sua habitação condições propícias a uma maior intimidade na vida privada e na higiene diária.

Tipo 3. São os chamados edifícios "gaioleiros", da época correspondente à segunda metade do século XIX até ao segundo quartel do século XX. São assim designados, devido às alterações tecnológicas e construtivas características da construção pombalina. Existe, nesta época, um revivalismo classicista e eclético. O espaço interior está agora mais hierarquizado, com diferenciações espaciais de uso nocturno e diurno, zona de criados e zona social e no tratamento de espaços relativos às traseiras ou à fachada principal. São introduzidas instalações sanitárias; os edifícios elevam-se chegando a atingir 5 ou 6 pisos de altura; aparecem os primeiros elevadores e as escadas de quatro lanços e a ocupação de lotes é mais uma vez aumentada levando ao uso sistemático de saguões. O eclétismo revela-se nas fachadas dos edifícios com a utilização de linguagens estilísticas, o que leva a uma diminuição e adulteração do rigor pombalino. A nível da tipologia construtiva, aparecem alterações na estrutura em gaiola, onde se perde a continuidade estrutural e tridimensional da mesma. Nesta época, há três tipos de paredes: paredes mestras de alvenaria, paredes resistentes de tijolo maciço e paredes interiores em tabiques ou divisórias finas. O pavimento é assente numa estrutura em barrotes de madeira. Os

armazéns no piso térreo, agora ocupados pelos artesãos, são alvo de grandes alterações, sendo adequado ao comércio, que necessita de espaços mais amplos e flexíveis e onde se introduzem pilares em ferro para atingir estes fins. Surgem nesta altura, devido ao aumento da industrialização, as vilas operárias que, especialmente, se organizam em torno de um pátio ou em banda; as habitações têm espaços mínimos e a densidade de ocupação é muito elevada.

Tipo 4. Corresponde à época desde o segundo quartel do século XX até aos nossos dias. O modernismo é caracterizado por uma primeira fase "Deco", seguindo-se o Impressionismo e dirigindo-se depois para a simplificação e geometrização das formas a nível da fachada, sem se repercutir no interior, ficando este apenas camuflado por uma "pele" que pretende caracterizar uma determinada época. Aparece depois o chamado estilo "Português Suave", alcunha que caracteriza a arquitectura do Estado Novo. A introdução do betão armado, inicialmente aplicado nas traseiras e, posteriormente, em sistemas estruturais e construtivos de pilares e viga permitiu uma total remodelação nos espaços interiores.

Numa análise tipológica do Bairro Alto, é também necessário referir os trabalhos de pormenor realizados em elementos arquitectónicos que caracterizam e unificam o Bairro. Assim tem-se: os **socos** - panos de parede que funcionam como elementos de suporte e reforço, que dificultam a entrada de humidade, que resolvem problemas estéticos provocados por declives (e onde por vezes existem pequenas aberturas fechadas com gradeamento, que permitem a ventilação na caixa de ar existente entre o solo e o pavimento do edifício); as **soleiras** - onde antigamente existiam os "limpa-botas" (elementos metálicos que permitiam a limpeza das solas dos sapatos quando se entrava em casa); os **umbrais** - construídos em pedra aparelhada que funcionam como molduras ou remates de fachada; as **pilastras** - que atingem grande expressão no século XIX tão caracterizado pelo ecletismo romântico; os **beirados** - que fazem a terminação vertical como remates de composição; as **cornijas**; as **platibandas** - que ocultam sistemas de condução de águas; os **telhados** - geralmente de duas águas com a cumeeira paralela à fachada



Introdução do betão armado. Travessa dos Fiéis de Deus.



Pormenor da altura da porta de uma habitação



Guarda de ferro forjado. Rua das Salgadeiras



Rua do Loreto

principal e estrutura em asnas assentes nas paredes da fachada, onde a telha utilizada era inicialmente "meia cana", posteriormente substituída pela "telha marselha", com encaixes que permitiam a continuidade de colocação sem a argamassa de ligação; as **mansardas**; os **vãos** - janelas de sacada, janelas de peitoral, óculos e portas; as **portas** - depois de 1755 apareceram as portas de duas folhas, mais recortadas e transparentes que as anteriores; as **janelas** de peito, peitoril, sacada, guilhotina e de duas folhas giratórias; as **guardas** - cuja expressão varia de acordo com o tipo de ferro utilizado: ferro forjado, fundido ou simplesmente batido.

A fachada principal é a única decorada - as empenas e os saguões eram pintados de branco, derivando daqui a frase "Lisboa cidade branca", porque o observador, situado no alto das colinas, não via as fachadas principais trabalhadas e coloridas devido às ruas estreitas e só via as brancas empenas dos edifícios.

Nos revestimentos dos edifícios, assiste-se a um uso generalizado do reboco com acabamento a tintas à base de cal, que tem como característica ser anti-fungo, resistindo assim melhor às humidades e à intempérie. Em alguns casos, o azulejo é o revestimento utilizado, total ou parcialmente, oferecendo impermeabilização, isolamento e capacidade estética de sublinhar o recorte.



Elemento dissonante: caixa de ar condicionado



Pormenor de um trabalho em ferro forjado. Rua dos Caetanos



Janela de peitoril com guarda em ferro forjado



Edifício pombalino

4. A "FOTOGRAFIA" DO BAIRRO

- breve caracterização do Bairro Alto

Importante núcleo histórico da cidade de Lisboa, o Bairro Alto possui um valioso património arquitectónico e urbano. Surgiu sobre as hortas e vinhedos de uma grande herdade, afirmando-se como uma "nova ideia de cidade, moderna e racional na clareza de um traçado geométrico que soube tirar partido das óptimas condições naturais do lugar" ⁽³⁾. O Bairro resistiu, em grande parte, ao terramoto de 1755 (embora com algumas fraquezas) e a nova cidade de Marquês de Pombal preocupou-se com sua a integração no seu novo traçado, cuidando das ligações entre essa parte alta e a nova baixa da cidade.

Poder-se-á afirmar que, ainda hoje, é uma área de coerência morfológica, onde sob o ponto de vista arquitectónico, sobressai a grande unidade existente entre uma estrutura física coesa e uma imagem urbana rica e heterogénea, que torna mais valiosa, como património cultural, a globalidade de contribuições do que a exclusiva importância deste ou daquele monumento isolado ⁽⁴⁾.

São permitidas, pela diversificação do relevo, vistas distantes, do rio ou da restante cidade, assim como a clara percepção do carácter unitário das suas formas urbanas. As ruas são "construídas" por uma grande variedade de pequenos pormenores, pertencentes a linguagens e composições diversificadas, que resultam das sedimentações de uma longa história e da correspondente evolução das tipologias e estilos arquitectónicos.

Uma mistura social sempre caracterizou o Bairro Alto, o que lhe conferiu uma cultura com características muito próprias, traduzida numa grande variedade de expressões e manifestações culturais. De facto, como já foi referido, este



Conservatório Nacional



³ In, DUARTE, Maria Isabel e NOGUEIRA, Adriano Zilhão, *Bairro Alto - Contribuição para o Estudo de uma Comunidade em Transformação*, Lisboa, Sociedade e Território, ano I, nº 2, Fev. 1985.

⁴ Tal como aponta Helder Carita no seu estudo, *Bairro Alto, Tipologias e Modos Arquitectónicos*, Lisboa, ed. CML, 1994.

núcleo histórico, que começou por ser ocupado a Sul com gente muito modesta ligada aos trabalhos do mar ⁽⁵⁾, muito depressa se tornou lugar desejado pelo clero e pela nobreza, que aqui construíram grande número de palácios, conventos e igrejas. As tavernas, juntamente com salões e tertúlias culturais, hoje bares e "pubs", eram características no século XVIII, onde aconteciam reuniões bem animadas. A outra face do Bairro, nocturna e marginal, ganha fama nos constantes assaltos à mão armada, conflitos e brigas, ou as mais frequentes "esperas" ⁽⁶⁾.

Ganhou a característica de acolhedor e lúdico, fama que foi também adquirida pelos numerosos botequins e restaurantes, onde se reuniram, em tempos, famosos literatos, artistas, jornalistas e políticos.

São evidentes, no Bairro, a existência de fortes relações de vizinhança (laços que se mantêm vivos ao longo de gerações), uma vontade de comunicação, uma grande vivência do espaço público exterior e um claro e intenso sentido de colectividade.

Nesta zona, constata-se o envelhecimento da população, de uma forma mais agravada do que na restante cidade. Quase 32% da população residencial do Bairro Alto tem mais de 60 anos, havendo predominância do sexo feminino, sobretudo nas idades mais avançadas.

Para além de ser urgente incentivar a fixação de um leque etário mais novo, é também necessário tomar medidas no sentido de controlar o aumento do número de jovens seropositivos e toxicodependentes.

A estrutura sócio-profissional desta população é composta por 24% de reformados, 42% são empregados remunerados e cerca de 6% estão na condição de desempregado. Apenas 24% dos residentes possuem ensino primário (e por vezes incompleto) e 36% são analfabetos. Quanto aos restantes níveis de ensino, o valor percentual vai diminuindo à medida que a qualificação escolar é maior.

⁵ Conforme aponta José-Augusto França nos seus estudos sobre Lisboa e Pombal: *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, Bertrand Editora, 3ª edição, Dez. 1987.

⁶ Como é referido no *Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto*.



A população idosa do Bairro



Turistas

Existem diversos tipos de equipamento, desde unidades de saúde até equipamentos educativos, recreativos e culturais, o que torna o Bairro Alto num local relativamente bem fornecido quando comparado com outras áreas próximas da cidade de Lisboa; no entanto, isto não equivale à não existência de importantes carências. A nível de segurança social, importa salientar a importância de diversos tipos de apoio prestado pela Santa Casa da Misericórdia.

No seu quotidiano, o Bairro parece ter três ciclos vitais, nos quais existe como que uma sucessiva mudança de gentes e de tipos de vida ⁽⁷⁾:

de manhã, vive-se a confusão das cargas e descargas - para abastecimento do comércio local, das tipografias e pequenas indústrias - e a rotineira saída para os empregos. Os idosos e donas de casa deslocam-se às pequenas lojas e mercearias de Bairro (a diminuírem fortemente), onde se pratica um comércio tradicional;

no início da tarde, surge uma população exterior ao Bairro - feita de apressados empregados administrativos, ou do terciário, da Baixa -, que procura almoço rápido e surgem também os primeiros turistas. Os residentes mais idosos jogam às cartas nos degraus das portas de entrada, nas tabernas e bares.

À noite, há, como que, uma substituição de gentes, na qual os turistas e os lisboetas estranhos ao Bairro ocupam os restaurantes e as casas de fado mais caras. Avança a noite e abrem-se, pouco a pouco, as portas de um elevado número de casas nocturnas, de bares e "pubs", que oferecem um grande leque de opções a um elevado número de visitantes, especialmente jovens.

Começa a ser notado um profundo processo de transformações culturais, sociológicas e funcionais. Um novo tipo de actividades produtivas e comerciais, sobretudo dirigidas para servir um público exigente e exterior ao Bairro (mais de um quarto dos seus clientes vêm de fora), procuram crescentemente esta área.

⁷ As considerações, no âmbito da sociologia, são um conjunto de referências, resultantes do que foi detectado durante o período de estágio e, simultaneamente, do referido no estudo desenvolvido por Adriano Zilhão Nogueira e Maria Isabel Duarte: *Bairro Alto - Contribuição para o Estudo de uma Comunidade em Transformação*, artigo da revista *Sociedade e Território*.



Santa Casa da Misericórdia



Uma das mercearias que se mantém viva



O novo tipo de comércio que invade o Bairro Alto

Por outro lado, o comércio tradicional está a diminuir fortemente e hoje apenas cerca de 25% dos proprietários de casas comerciais moram no próprio Bairro. Este novo tipo de comércio instala-se pela quantidade de trespases, o que encoraja os poucos comerciantes locais a encerrarem portas e a seguirem essa via. As empresas que aqui investem o seu capital são predominantemente exteriores e aplicam o seu capital em empreendimentos que possam proporcionar lucros rápidos. Este facto tem traduzido reflexos negativos no valor fundiário, dos solos e dos imóveis, e na "expulsão" de residentes tradicionais.

De algum modo, poderá dizer-se que "está a alterar-se acentuadamente a própria relação e posicionamento funcional deste Bairro com as restantes partes da cidade, com este surto, relativamente incontrolado, de desenvolvimento e transformação."⁽⁸⁾

A velha tradição boémia e uma certa heterogeneidade pré-existente, em termos culturais e sociais, têm ajudado o impacto da "assimilação" dos novos e transitórios visitantes, ou mesmo de novos tipos de residentes e proprietários, que procuram crescentemente este Bairro, trazidos pela sua crescente fama como lugar da moda, de grande vocação e animação cultural e urbana, no próprio centro de uma cidade que não tem sabido apoiar, ou valorizar, essas qualidades.

- Objectivos gerais de intervenção

Nos últimos tempos, tem-se vindo a verificar um claro aumento de conflitos e de reacções negativas da parte dos moradores, contra o aumento da marginalidade, da insegurança e da incomodidade provocadas por essa "invasão" de gente. É um facto que o Bairro Alto possui uma série de "doenças", sentindo os efeitos de uma densidade populacional e de construção extremamente elevadas. Isto ultrapassa, em muito, a



Contrastes.
O restaurante de luxo "Tavares Rico" (1789) e a cadeia de fast-food "MacDonalds" (actual)



Sinais de marginalidade. Muitos toxicodependentes refugiam-se nos edifícios abandonados, para se drogarem.

⁸ In, CABRITA, António Reis; APPLETON, João e AGUIAR, José, *Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto*, Lisboa, ed. CML/LNEC, Dez. 1992.

capacidade e as possibilidades de acolhimento dos espaços nos edifícios existentes, sendo muito difícil aumentar, ainda mais, essa oferta, no sentido de se conseguir uma melhoria das condições habitacionais actuais. É necessária, portanto, "uma descompressão desta excessiva densidade."⁽⁹⁾

Durante o período de estágio, e com base nos inquéritos efectuados pela estagiária (com outros colegas), detectaram-se problemas delicados quanto ao estado de conservação e à qualidade das prestações actuais da maioria dos edifícios de uso habitacional. A maioria do edificado já tem mais de 300 anos e alguns foram sujeitos a inúmeras alterações e acrescentos, de muito duvidosa qualidade. Com os inquéritos efectuados sobre o estado de conservação dos edifícios e com outro tipo de análises desenvolvidas por outras entidades, confirma-se ser necessário agir rapidamente, de modo a dar garantias de segurança e de qualidade ambiental aos moradores (e frequentadores) do Bairro.

O número de moradores tenderá a aumentar com o aparecimento de novos residentes, com perfil urbano. Para isso, torna-se necessário manter e cativar a população mais jovem nesta e para esta zona. A motivação passa pela criação de incentivos e estruturas, com o objectivo de satisfazer as necessidades sociais, culturais, profissionais, de saúde e de todos os campos, que permitam uma vida com qualidade.

As acções concretas, de planeamento e intervenção, centram-se sobretudo na caracterização do perfil social da população residente e na análise das condições e da situação do património edificado.

O património edificado, face ao estado de degradação física em que se encontra, tem consequências em termos do tecido social do Bairro e de todo o seu património vivencial.

Os problemas não existem apenas nos edifícios, sob ponto de vista urbanístico, verificam-se, também, diversas necessidades de intervenção. Determinadas partes dos sistemas de infra-estruturas e redes têm de ser reparados, substituídos ou profundamente reabilitados. Por outro lado, as possibilidades de



Exemplos de edifícios com sinais de avançado estado de degradação



Colégio de S. Pedro e S. Paulo (Inglesinhos). Travessa dos Inglesinhos

⁹ In, LOPES, Filipe Mário, *Reabilitação Urbana em Lisboa*, Lisboa, Sociedade e Território, nº 20/21, Mar. 1992.

circulação viária e pedonal são reduzidas e complicadas, o estacionamento é restrito e as condições de segurança são muito delicadas, sobretudo ao fogo, devido à dificuldade de circulação de grandes veículos nas ruas.

Recuperar o Bairro, respeitando a sua estrutura, conservando e restaurando o edificado, é um dos factores principais da reabilitação urbana do Bairro Alto, melhorando as condições de habitabilidade e mantendo, sempre que possível, a população nele residente. Assim, deve evitar-se a rejeição da população para a periferia, tentar melhorar as condições de vida no Bairro, através de acções sobre o património edificado e, também, nos domínios do desenvolvimento económico, social e cultural. Será importante "manter a memória da cidade, preservando o que no passado chegou até nós, como expressão de organização social e modos de vida da Lisboa quinhentista."⁽¹⁰⁾

Preservar as características estruturais e construtivas dos edifícios e as características específicas de morfologia urbana do núcleo histórico.

Por outro lado, estas estruturas não devem ser alvo de envelhecimento natural. Deverá haver intervenções, dos materiais, devido à falta de manutenção adequada e às alterações voluntárias introduzidas à estrutura física, de que foi vítima ao longo dos séculos.

A deterioração dos edifícios, devido à redução das áreas de atuação dos fogos, consequência do aumento da altura dos edifícios, deve ser "superada" voluntariamente, através da criação de zonas livres de edifícios dos seguintes: independentes e manutenção de índices mínimos de intervenção de manutenção natural e conservação.

A manutenção dos edifícios deve incluir, também, a manutenção natural e progressivo dos materiais, devido à ação da água, por infiltração e acumulação de humidades, seguras e graves danos de patologias específicas, como

¹⁰ Documento CADERNOS, Anexo IV, PONTIFÍCA, João de Deus, 1997, p. 100.

CADERNOS, Anexo IV, ALVARO, João de Deus, 1997, p. 100.

¹⁰ In, *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica*, volume 5.



Edifício histórico



Edifício histórico, Rua de São Paulo, Lisboa, Portugal



Edifício histórico

5. PRINCIPAIS DEFICIÊNCIAS FUNCIONAIS E CONSTRUTIVAS DO EDIFICADO

A enumeração e descrição dos diversos tipos de patologias foram detectadas durante o período de Estágio, através do contacto directo com o Bairro e com as queixas feitas pelos moradores diariamente ao Gabinete. Em conjunto com conversas com a equipa de trabalho da estagiária, também se recorreu a outros trabalhos e estudos ⁽¹¹⁾, de modo a que fique uma listagem completa da realidade do Bairro.

Após uma fase de análise, recolha e actualização de elementos sobre a situação actual do Bairro Alto, verificaram-se anomalias graves que dizem respeito, por um lado, à concepção inicial dos edifícios e às características específicas da morfologia urbana do próprio Bairro.

Por outro lado, estas anomalias são decorrentes do envelhecimento natural, nalguns casos acelerado, dos materiais, devido à falta de manutenção adequada e às alterações volumétricas sobrepostas à estrutura inicial, de que foi vítima ao longo dos séculos.

A adulteração das tipologias iniciais é devida às reduzidas áreas no interior dos fogos, consequência do tamanho diminuto dos lotes tipo que, com os "acrescentos" volumétricos, permitiu a ocupação de quase todos os espaços dos saguões, indispensáveis à manutenção de índices minimamente aceitáveis de iluminação natural e ventilação.

A manutenção dos edifícios quase inexistente, acrescida ao envelhecimento natural e progressivo dos materiais, devido à acção da água, por infiltração e acumulação de humidades, originam o grande número de patologias verificadas, como



Rua do Loreto



Palácio Cunha e Menezes (Lumiares) - séc. XVII.
Rua de S. Pedro de Alcântara.
Um edifício que merecia uma melhor atenção...



Largo do Calhariz

¹¹ Bases de apoio: CABRITA, António Reis; APPLETON, João e AGUIAR, José, *Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto*, Lisboa, ed. CML/LNEC, Dez. 1992.

CABRITA, António Reis; AGUIAR, José e ALHO, Carlos Alberto, *Monografia Portuguesa sobre Inovação na Reabilitação de Edifícios*, Lisboa, ed. MOPT/LNEC, Mar. 1988.

NEVES, Gonçalo José Urbano C. de Seíça, *Metodologias de Diagnóstico na Reabilitação do Património Edificado*, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra/Departamento de Arquitectura, 1994.

fungos, desgastes e eflorescências. Destacam-se, dos muitos casos: as infiltrações, nas coberturas e respectivas redes de drenagem das águas pluviais e das caixilharias de janelas e portas; a deteriorização de rebocos e acabamentos de paredes externas e internas, de caixilharias de madeira, de elementos da estrutura das coberturas (asnas, madres, varas), que evidenciam um estado de ruína iminente; e as deformações exageradas nos pavimentos de madeira, impossibilitando a sua utilização.

Em muitas intervenções, foram demolidas paredes resistentes interiores, cujas funções estruturais passaram a ser desempenhadas por vigas de ferro que, ao sofrerem deformações, arrastam, na sua deslocação, paredes e pavimentos.

São detectadas com facilidade **deficiências espaciais**. Como já foi mencionado, a população do Bairro Alto foi-se densificando ao longo dos tempos, originando os tais "acrescentos" ao edificado e a consequente subdivisão dos alojamentos ou de espaços interiores dos mesmos. As condições de segurança e de habitabilidade nos edifícios diminuíram significativamente, com a subdivisão do interior dos edifícios, que implicou, naturalmente, o aumento dos compartimentos interiores, pouco ventilados e com iluminação deficiente.

Os **espaços comuns** caracterizam-se pelo acesso aos alojamentos a partir da rua e vice-versa, devendo existir facilidade de acesso, bem como de evacuação pelas escadas. Existem, contudo, anomalias de circulação na maioria dos edifícios do Bairro. As **escadas** são muito estreitas e íngremes, tendo patamares muito reduzidos e, muitas vezes, havendo alterações na relação espelho/cobertor, à medida que se sobe. Criam-se, assim, percursos muito complexos, agravados pela falta de iluminação natural e artificial.

As **entradas dos prédios** têm uma iluminação natural razoável, embora raramente exista iluminação artificial. O acesso às habitações de rés-do-chão faz-se, muitas vezes, directamente da rua sem qualquer resguardo. A maioria dos alojamentos têm apenas uma única escada comum; as escadas de emergência, para evacuação alternativa em caso de incêndio, existem



Escada em "tiro". A solução mais simples e económica, tanto a nível de estrutura como de aproveitamento de espaço. Período anterior ao pombalino.

apenas em alguns edifícios do final do século XIX, princípios do século XX.

Os **acessos à cobertura**, pelos espaços comuns, não existem na maioria dos edifícios; aqueles fazem-se pelas mansardas ou pelas trapeiras, que não são consideradas saídas alternativas, em caso de incêndio.

Os **logradouros** existentes são muito poucos, muitos deles são privados, com acesso pela habitação do piso térreo; outros têm este piso coberto com telheiros improvisados, em plástico, alumínio ou mesmo em cartão.

Os **espaços comerciais**, situados normalmente ao nível do rés-do-chão, têm dimensões reduzidas nos prédios pré-pombalinos, aumentando nos períodos pombalinos e "gaioleiro". Os pés direitos são baixos, inferiores a 3 metros, em alguns casos ainda menos, existindo situações de rebaixamento do piso comercial em relação ao passeio, para ganhar altura.

Em termos de **organização espacial**, os exemplos mais antigos, anteriores ao tipo pombalino, entre os séculos XVI/XVII e inícios do século XVIII, adaptavam modelos rurais ao lote urbano e ao edifício multifamiliar, isto é, a um lote estreito e profundo e à construção com uma habitação por piso.

Destas tipologias, resultam: compartimentos de dimensões reduzidas (com áreas inferiores a $6m^2$), em planta e em altura, nos últimos pisos, levando à sua incorrecta utilização e debilidade ambiental, no que diz respeito à iluminação e ventilação naturais, condições existentes apenas na sala.

O tipo posterior ao pombalino, que corresponde à 2ª metade do século XIX e princípios do século XX - modelo "gaioleiro" - situa-se, geralmente, na periferia do Bairro. São lotes de grandes profundidades e com frentes mais amplas, sendo a sua organização em planta muito semelhante à expansão novecentista lisboeta das avenidas novas. Assim, os compartimentos tinham maiores dimensões, pois destinavam-se a alojar a média burguesia citadina. A fachada tardoz é agora bem iluminada e ventilada, e sobre os mini-saguões laterais, a meia profundidade, abriam-se uma instalação sanitária e um ou dois compartimentos com pequenas janelas.



Edifício com problemas na estrutura



Degradação dos elementos exteriores do edifício

Ao nível da **segurança estrutural**, existem basicamente dois tipos de problemas. Por um lado, o envelhecimento dos materiais estruturais, cuja rapidez depende da manutenção do edifício, que diminui a capacidade resistente dos elementos constituintes e, conseqüentemente, da estrutura no seu todo. Por outro, os erros ou insuficiências de "raiz" descobertos a curto ou médio prazo, que são resolvidos com o reforço das estruturas existentes.

A construção edificada no Bairro Alto não apresenta problemas estruturais originados nas fundações; no entanto, algumas fissuras nas paredes resultam do assentamento deficiente daquelas, pelo que se torna necessário consolidá-las. A degradação das paredes principais de alvenaria deve-se a infiltrações e humidades. A acção nociva da água é muito frequente nos coroamentos das paredes, devido a infiltrações de águas pluviais causadas por deficiências nas coberturas e/ou nos respectivos sistemas de drenagem. As infiltrações de humidade devem-se a rupturas de canalizações, nomeadamente nas prumadas dos esgotos, ou por penetração directa das águas pluviais em paramentos não isolados. As situações de degradação das paredes principais não põem em causa a sua capacidade de suporte das cargas verticais. Quando se trata de elementos de madeira de coberturas, pavimentos e escadas, atacados pela humidade, é destruída a sua função estrutural, estimulando o ataque de fungos e insectos que aceleram a degradação. Acontecem, por vezes, casos de grandes deformações - flechas e inclinações - de coberturas e pavimentos. Nos pavimentos mistos com vigas de ferro e elementos de alvenaria, acontece a corrosão dos elementos metálicos.

A **segurança contra incêndios** coloca o problema a dois níveis: ao próprio edifício e ao da malha urbana onde se insere.

Existem alguns problemas ao nível da **área urbana**, como sejam o difícil acesso das viaturas dos bombeiros ao Bairro, devido à reduzida largura de algumas ruas, agravado pelo excesso de viaturas estacionadas e pelo ínfimo grau de curvatura da maioria dos cruzamentos, tornando alguns edifícios inacessíveis. Por outro lado, a largura reduzida das ruas



Ruas estreitas, que provocam dificuldade de manobras e acesso das viaturas de bombeiros.

também promove a propagação de incêndio aos edifícios adjacentes.

Colocam-se, ainda, problemas ao nível do **quarteirão**, no que respeita à grande densidade de população, à própria constituição do quarteirão como bloco maciço, visto ter havido uma ocupação dos saguões ao longo do tempo e uma destruição de "barreiras", como as antigas paredes corta-fogo.

Ao nível do **edifício**, importa analisar a maior ou menor facilidade de ocorrência de um incêndio, a rapidez de propagação no edifício, dependente da existência ou não de defesas em relação aos edifícios vizinhos e a eficácia dos meios de evacuação.

Existem algumas **patologias que podem contribuir para o desenvolvimento de um fogo**. As instalações eléctricas precárias são um factor de risco, devido às humidades e infiltrações das águas. A utilização corrente de gás butano no interior das habitações, sem serem respeitadas as condições necessárias de segurança, potenciam um incêndio e aceleram uma eventual situação.

Contribuem significativamente para o desenvolvimento de um incêndio: as coberturas que não se encontram bem limpas, agravadas pelo revestimento com materiais combustíveis; a reacção ao fogo de elementos estruturais como a madeira (material combustível) quando em mau estado de conservação, quando de qualidade inferior ou na ausência de qualquer protecção ignífuga, ou, ainda, o ferro que, por não ter protecção, ao entrar em contacto com o fogo entra em colapso; os elementos de compartimentação interior, na sua maioria em madeira; os revestimentos como alcatifas e veludos; a deficiência na ventilação e na desenfumagem dos edifícios e, por último, as poeiras e detritos acumulados nos sótãos, armazéns e caves.

Concorrem para esta situação o **tecido urbano muito denso**; a deteriorização das coberturas devido a infiltrações em compartimentos dos últimos pisos, provocando o aparecimento de fungos e bolores que proliferam na crescente humidade ambiente; as más instalações sanitárias, muitas delas pequenas cabines construídas na cozinha ou no local da pia; e os quartos interiores, superfícies mínimas com pés direitos baixos e sem



Esquina apresentando sinais de passagem de grandes veículos



Apodrecimento da madeira da estrutura interna das paredes



Rua da Atalaia, 176-178

ventilação, que alimentam o desenvolvimento de fungos e bactérias.

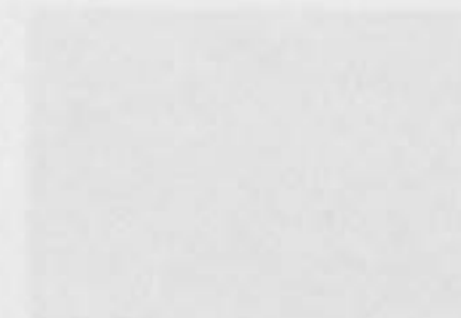
As **deficiências higiénicas** detectadas abrangem vários níveis. No que toca ao **saneamento básico**, verifica-se o abastecimento de água a todas as habitações, possuindo a maioria uma rede de esgotos, onde acontecem rupturas que provocam as infiltrações e eflorações nocivas; contudo, há muitas retretes sub-equipadas, sem autoclismo e sem cerramento hidráulico. A precária **salubridade ambiental** é corroborada por pias e retretes nas cozinhas, instalações sanitárias abrindo para as salas ou cozinhas, saguões no rés-do-chão, cobertos com telheiros e/ou com criação de animais. A má **qualidade do ar** deve-se à falta de ventilação directa ou canalizada em compartimentos interiores, a cozinhas interiores ou com pequenas frestas e com chaminés obstruídas (para evitar a passagem de roedores e de detritos), e, ainda, à presença de esquentadores e botijas de gás em instalações sanitárias interiores. A **qualidade térmica** dos últimos pisos que possuem um isolamento deficiente e pouca inércia térmica, mas em contrapartida são mais ventilados, é inadequada. A fraca **iluminação natural** resultante das fenestraçãoes verticais, pois o valor de luminância num espaço interior, devido à captação da luz do céu, depende essencialmente da porção de céu que contribui para essa iluminação. As condições de **isolamento acústico** entre habitações é muito deficiente. A presença de **roedores e parasitas**, que são fonte de propagação de doenças, prolifera, devido à elevada densidade construtiva, às caixas de ar sob soalhos do rés-do-chão, de armazéns, de edifícios semi-arruinados e de revestimentos degradados, aos soalhos e rodapés podres e aos locais sujos e não arejados.

São muitas as patologias encontradas nas **instalações de gás e eléctricas**, bem como nos **dispositivos de drenagem das águas residuais**, na sua maioria de origem.

As canalizações iniciais eram em chumbo, embebidas na parede; este metal provoca a contaminação da água potável com produtos tóxicos. Os dispositivos de drenagem das águas residuais eram extremamente primários, em materiais muitas vezes inadequados e não existiam sifões e caixas de visita para



Ventilação na quinta de Lisboa



Estado de conservação das habitações de Lisboa



Efeitos da ausência de troços do tubo de queda

a manutenção necessária, resultando com frequência em infiltrações de humidades em pavimentos e paredes.

Os dispositivos de drenagem das águas pluviais, como caleiras e tubos de queda, apresentam degradações profundas, devido à corrosão da chapa de zinco (material mais utilizado) e à má execução dos mesmos. As caleiras apresentam fissuras, devido à degradação dos seus revestimentos e impermeabilizações, ou, ainda, entupimentos, que provocam graves infiltrações. A sua ligação aos tubos de queda é muitas vezes inexistente, não há elemento de ligação (funil) ou este está partido, ou, ainda, a ligação encontra-se mal executada, o que provoca a projecção das águas nas fachadas. Os tubos de queda também apresentam deficiências, muitos deles estão rotos ou com troços segmentados.

As instalações eléctricas iniciais são, na sua maioria, inadequadas aos utilizadores actuais, sendo que a ampliação desmedida das originais não respeita a actual regulamentação. O isolamento é deficiente, estando alguns elementos sob tensão, em zonas de contacto com humidades e infiltrações de água, potenciando um acidente.

As instalações de gás têm, sobretudo, um tempo de vida longo que, acrescido à má utilização, favorece fugas de gás por ineficácia da válvula de segurança e mesmo situações de incêndio com garrafas de gás butano nas cozinhas e nas instalações sanitárias, sem as condições básicas de segurança.

A própria **degradação dos revestimentos interiores** contribui para a precariedade das instalações. A **acção da humidade**, devida a rupturas nas canalizações e a telhados mal construídos, provoca infiltrações nas paredes, coberturas e caixilharias, estendendo-se a paredes, tectos e pavimentos interiores. Quando as infiltrações são derivadas de águas sujas, para além de humidades, verifica-se a acumulação de sais que originam eflorescências, causando a degradação de rebocos. Regista-se, ainda, a **oxidação dos elementos metálicos** existentes nos edifícios como espigões, chumbadouros de portas e janelas e guardas em ferro forjado. As anomalias, devidas à aplicação recente de argamassas ricas em cimento tipo *Portland*, incompatíveis com os antigos suportes de pedra e



Oxidação da guarda de ferro



Sinais de sobreposição de camadas de tinta



Fendilhação da parede



Patologia no reboco das paredes exteriores



Patologia no reboco das paredes exteriores

cal, provocam fissuras e o descolamento dos novos revestimentos.

As patologias verificadas nos **rebocos dos paramentos exteriores** foram: a **fendilhação** que pode afectar apenas o reboco, por retracção do mesmo, ou atingir a própria parede, devido a problemas estruturais; o **empolamento do reboco** que se deve ao ataque da argamassa pelos sulfatos solúveis na água, devido a infiltrações e o **empolamento das tintas** exteriores recentes, resultante da sua pouca permeabilidade ao vapor de água vindo das paredes; e, por último, o **destacamento do reboco** que ocorre depois do empolamento, devido ao ataque dos sulfatos. O destacamento dos rebocos recentes acontece por não haver aderência ao suporte ou por retracção do reboco ao suporte, devido às diferentes consistências e comportamentos dos materiais. Estes três tipos de patologias podem coexistir.

Os **revestimentos exteriores pintados** resultam da aplicação sobre os acabamentos originais, na sua maioria caiados, de uma ou mais demãos de tintas de água (tipo tintas plásticas) ou de tintas texturadas. Para a sua degradação contribuem várias patologias: a **má qualidade ou inadequação dos materiais** aplicados, as **humidades do suporte** ou a sua **fissuração** por porosidade excessiva; e o **envelhecimento da própria pintura**, devido à acção dos agentes atmosféricos.

As **pedras de cantaria**, maioritariamente em calcário tipo *Lioz*, têm uma baixa porosidade e elevada resistência, verificando-se poucas patologias. O **desgaste** da própria pedra, originado pela chuva, provoca a sua dissolução, tornando-a rugosa e descobrindo-lhe algumas estruturas sedimentares; esta degradação afecta apenas a sua aparência, não a sua função estrutural. A **sujidade** originada pela poluição deve-se à deposição de sulfatos e certos sais, ferro e partículas carbonosas, provocando a formação de crostas que causam grandes deformações. A **fissuração e fracturação** são provocadas por acções mecânicas de origens diversas: cargas excessivas, oxidação de chumbadouros, incêndios e movimentos de natureza estrutural de paredes e fundações. As **eflorescências** acontecem sobre elementos de pedra, embora a baixa porosidade seja um obstáculo à migração de sais;



Desgaste das pedras de cantaria



Telhas partidas



Anomalias várias nas cantarias



Anomalias nas pedras de cantaria das janelas de sacada

provocam a desagregação de placas e a formação de areia (arenização) ou de pó (pulverização).

As patologias em **elementos de revestimento e em coberturas** devem-se à passagem de humidades e de águas pluviais para o interior dos edifícios. Para isso, contribuem: as **telhas partidas**, devido à circulação descuidada de pessoas nas coberturas ou à ocorrência de assentamentos importantes das estruturas; as **telhas mal colocadas ou desviadas** da sua posição, devido a reparações de coberturas mal feitas; a **acumulação de lixos nas coberturas**, devido à manutenção deficiente ou inexistente, permitindo, assim, o desenvolvimento de líquenes e até de pequenas plantas herbáceas que se fixam à telha e dificultam o escoamento da água das chuvas; o **aumento de peso da cobertura**, que resulta da necessidade de colocar argamassa nas juntas, pela incapacidade das telhas assegurarem a estanquidade às águas pluviais, o que por vezes preenche os canais do telhado, representando uma sobrecarga que provoca novas deformações das estruturas de madeira da cobertura e conduz, novamente, à falta de estanquidade dos telhados; a **danificação dos sistemas de drenagem** das águas pluviais é devida à destruição ou entupimento de caleiras e tubos de queda, sendo a água da chuva drenada de forma deficiente, acabando por escoar para o interior da construção se encontrar rupturas ou fendilhações; e a **inexistência ou danificação de ventilações de telhado**, passadeiras ou remates, agravando as condições de utilização dos espaços subjacentes à cobertura (sótãos).

As patologias em **elementos de preenchimento de vãos exteriores**, normalmente em madeira, devem-se, sobretudo, à falta de manutenção e à acção das humidades.

Nas **janelas de madeira**, verificam-se anomalias várias: **juntas de vedação do aro ao vão deterioradas**, quer por apodrecimento do aro, quer por ruptura deste ao contorno do vão; **empenos** em folhas móveis e **apodrecimento** de elementos das folhas, devido à acção das humidades; **deteriorização das juntas de vedação dos vidros**; **folgas excessivas** nas juntas móveis que provocam retracções dos elementos (variações higrométricas); e **degradação da pintura**, quer dos aros fixos, quer das folhas móveis. As **janelas de aço**



Janela com anomalias várias: apodrecimento e empeno do aro de madeira; sujidade do reboco; desgaste e fracturação da pedra de cantaria



Porta de entrada exterior



Fachada que apresenta patologias diversas



Crescimento de pequena vegetação originada por excesso de humidade

perfilado têm como principal problema a oxidação, devida, à degradação da pintura.

As **esteiras** em madeira apresentam degradações na pintura, quer das régua, quer das calhas em aço perfilado.

Algumas **portadas interiores e exteriores** encontram-se empenadas ou apodrecidas e com a pintura também degradada.

Nas **portas exteriores de entrada** verificam-se empenos das folhas, oxidações nas grades de aço dos postigos, degradação da pintura, desgaste e apodrecimento devido ao contacto constante com a água da chuva, das partes mais baixas das portas.

É fundamental ter consciência de que uma restauração anula não envolve graves problemas técnicos, que não podem ser negligenciados por uma política antiquacionista. Dada a grandeza e espaço abrangido de degradação dos edifícios, teve que optar-se por uma intervenção mais limitada e dispendiosa, actuando prioritariamente sobre os edifícios que exigem maior urgência. A atitude mais dispendiosa, mas rápida e efectiva por parte do Estado, passa por um levantamento na intervenção do Bairro, fechando para os trabalhos, efectuando-se como elemento de obra. O tipo de restauração utilizado não é o mais económico, mas o mais rápido, mas o mais eficiente, dentro das dificuldades impostas pelas condições do Bairro e pela sua especificidade de intervenção. A metodologia escolhida visa problemas de acessos e condições, tornando a área destinada aos edifícios sociais.

Além do contacto que a equipa teve com o Gabinete, attendeu-se que a abordagem de intervenção não se baseia num método igual para todos os edifícios, mas numa filosofia de intervenção. Esta filosofia leva como objectivo principal de prioridade, aos edifícios em estado de degradação, mas avançado, criando melhores condições sociais, habitacionais e de salubridade para os seus habitantes. O tipo de adaptação espacial não leva uma atitude com vista a longo-prazo, ou seja, há restrição o acesso de edifícios para melhorar social, económica e habitacional para as gerações vindouras.



6. METODOLOGIAS GERAIS DE REABILITAÇÃO DO BAIRO ALTO

A intervenção no Bairro Alto tem dois tipos de processo, que aparentemente não parecem compatíveis. Por um lado, há uma análise global do Bairro, da sua malha urbana e da sua envolvente, de modo a garantir respeito em relação ao passado e ter uma atitude correcta em relação ao presente. Esta política global de intervenção deu-se apenas a uma escala urbanística, adaptando-se um outro tipo de atitude ao intervir no interior dos edifícios.

É fundamental ter consciência de que uma reabilitação deste nível envolve graves problemas sociais, que não podem ser negligenciados por uma política arquitectónica. Dada a gravidade e estado avançado de degradação dos edifícios, teve que optar-se por uma intervenção mais demorada e dispendiosa, actuando primeiramente sobre os edifícios que exigem maior urgência. A atitude mais dispendiosa, mais rápida e menos perigosa, passa por um faseamento na intervenção do Bairro, fechando ruas ao trânsito, utilizando-as como estaleiro de obra. O tipo de reabilitação utilizado não é o mais económico, nem o mais rápido, mas o mais eficiente, dentro das dificuldades trazidas pelas características do Bairro e pela sua especificidade de intervenção. A metodologia escolhida cria problemas de acessos a camiões, tornando a área destinada aos estaleiros escassa.

Através do contacto que a estagiária teve com o Gabinete, entendeu-se que a abordagem de intervenção não se baseia num método igual para todos os edifícios, mas numa filosofia de intervenção. Esta filosofia tem como objectivo principal dar prioridade aos edifícios em estado de degradação mais avançado, criando melhores condições sociais, habitacionais e de salubridade para os seus habitantes. O tipo de adaptação espacial não teve uma atitude com vista a longo-prazo, ou seja, foi renunciado o projecto de estabelecer parâmetros sociais, económicos e habitacionais para as gerações vindouras,



estabelecendo contrariamente uma grande submissão aos presentes inquilinos.

A política de intervenção no Bairro Alto tem como objectivo principal resolver problemas sociais actuais. É importante salientar que muitos edifícios são habitados por uma população idosa, exigindo particular atenção em termos de realojamento. Aos habitantes idosos não se pode retirar a habitação onde passaram toda a sua vida para realojá-los num local alternativo, longe do seu quotidiano. A solução consiste no realojamento temporário noutras habitações dentro do mesmo Bairro, enquanto as suas são submetidas a obras de recuperação. Assim, tenta-se valorizar os aspectos humanos, de segurança, higiene e salubridade.

Os projectos são pensados segundo um faseamento devido a: questões de realojamento, natureza dos trabalhos e às diferentes especialidades intervenientes. As características tipológicas do Bairro vêm dificultar a sua reabilitação, pois a dimensão dos acessos não permite a introdução de estaleiros locais, de transporte de materiais, nem de remoção de detritos, sem causar incomodidade e insegurança. Esta situação é agravada quando transposta para o interior das habitações, devido à escassez de área e ao estado avançado de degradação dos edifícios.

Este tipo de intervenção proporciona grandes retardamentos, devido, a complicações técnicas, à identificação de elementos de construção e às demolições. Todo o processo exige trabalhos preparatórios de consolidação preventiva, nomeadamente nas fundações, nas estruturas, nas coberturas e nas paredes exteriores.

Antes de qualquer intervenção, são identificadas as diferentes épocas de construção do edifício, para uma melhor adequação de materiais e tecnologias a adoptar. O tipo de intervenção é determinado pelos seguintes parâmetros: a possível reutilização funcional, dadas as limitações estruturais pré-existentes; as regras urbanísticas ou arquitectónicas que impeçam alterações profundas, devido às características tipológicas do edifício e aos resultados de análises custo/benefício.

Podem-se dividir as intervenções em quatro níveis que diferem pelo grau de intensidade.



Na **intervenção superficial** é reutilizada a estrutura pré-existente do edifício, havendo apenas uma readaptação espacial e pequenos melhoramentos, como colocação de reboco e pintura.

Na **intervenção média**, há uma reconversão da estrutura e do espaço enquadrando um novo programa às exigências ambientais higiénicas e a condições mínimas de habitabilidade.

Na **intervenção profunda**, há uma remodelação quase total do edifício e dá-se quando a organização espacial e estrutural é incompatível com os novos programas, ou quando o edifício se encontra em estado avançado de degradação.

Na **intervenção especial**, contemplam-se edifícios de interesse histórico nomeadamente classificados como património nacional implicando a intervenção de técnicos especializados segundo normas rígidas.

Deve-se, porém, salientar que, por vezes, se torna difícil enquadrar o tipo de intervenção numa destas quatro "gavetas", pois surgem casos de intervenções com características diversas.

A reconversão funcional possibilitou uma versatilidade dos espaços, adequando-os aos novos meios habitacionais, hábitos de privacidade e exigências de salubridade. O tipo de intervenção contempla uma "limpeza" dos espaços, alargando a comunicação entre eles, pela eliminação das circulações estreitas, removendo os logradouros e controlando a densidade populacional. Este tipo de resoluções solucionam problemas graves de ambiente, falta de insolação, ventilação e insegurança contra incêndios, entre outros. Deve-se mencionar, que esta atitude, apesar de correcta (segundo alguns), acaba por ter influências descaracterizadoras dos espaços.

Apesar de não ter havido grande preocupação, por parte do GTBA, em resolver problemas de adaptação espacial a longo-prazo, há uma versatilidade dos edifícios para diferentes adaptações, uma vez que as habitações variam entre T0 e T5. Pretende-se uma melhoria de conforto, de higiene e de qualidade do ambiente interior, criando condições de iluminação natural, ventilação, isolamento acústico, instalação de canalizações adequadas de água, redução do frio e humidades.

A atitude é claramente de carácter social, tentando beneficiar a população, em detrimento de uma exploração exclusivamente formal.

O GTBA tenta resolver os problemas de realojamento e número de habitantes por fogo, adquirindo edifícios desocupados, e os habitantes são realojados no próprio Bairro, reduzindo a possibilidade de ocupação do mesmo por novas camadas sociais e etárias. Houve, também, uma tentativa, pouco eficaz, de impedir o crescimento excessivo de bares e restaurantes, garantindo um equilíbrio económico e viabilidade dos já existentes.

Do ponto de vista técnico, houve particular atenção em manter a morfologia original do edificado. As paredes com características estruturais são os elementos de maior importância, nomeadamente as paredes meãs e as caixas de escadas. Estas vão ter que suportar novas lajes, instalações eléctricas e isolamentos. Geralmente, são utilizadas ligações metálicas que aumentam a capacidade de carga das lajes.

Todo o tipo de materiais a introduzir são antecipadamente submetidos a testes, de maneira a garantir o seu perfeito comportamento, quando em ligação com os já existentes. Na consolidação de elementos de pedra, são utilizadas ligações com argamassas, cal ou resinas acrílicas.

Ainda em termos estruturais, deve-se dar particular atenção à forma como os edifícios se estruturam em conjunto, ou seja, os edifícios de gaveto "seguram" o resto do quarteirão; tornam-se, por isso, mais sensíveis às condições sísmicas, tendo, por isso, prioridades em relação a estruturas de consolidação.

As obras que têm vindo a realizar-se são particulares ou de iniciativa municipal. As obras particulares implicam um investimento financeiro por parte dos proprietários, recorrendo, por vezes, a fundos municipais, nomeadamente através do programa RECRUA - Regime Especial de Participação e Recuperação de Imóveis Arrendados. Este tipo de financiamento implica um reajustamento das rendas dos inquilinos - que na maior parte dos casos são rendas muito antigas, por isso muito baixas - para o pagamento de uma percentagem do custo da obra.



Alguns dos restaurantes e bares do Bairro

A actuação do GTBA desenvolve-se no sentido de evitar a ruína. Para isso, intimida o proprietário a fazer as devidas reparações, e após algumas negociações, se o proprietário continuar a recusar-se, a CML toma posse administrativa do edifício. Este processo passa a ser uma obra coerciva.

Em situações de edifícios muito degradados, considerados em estado crítico, pondo, eventualmente, os ocupantes - ou até os transeuntes - em perigo, a CML desencadeia um processo legal de urgência, para que rapidamente se proceda à reparação do edifício.

dependente do Serviço de Obras do Município. A
decretação, em 1980, da Área Crítica de Recuperação e
Recuperação Urbana do Bairro Alto / Baixa, sob proposta da
CML, veio alterar a área de intervenção da freguesia de Santa
Catarina e do São Paulo (em parte) e reforçar competências
técnicas e administrativas da Submunicípio.

São quatro freguesias (Santa Catarina, São Paulo, Encarnação
e Mercês), construídas ao longo da Rua de São João. Assim, a
degradação do edifício resulta do envelhecimento, da
ausência de obras de conservação e beneficiação ao longo de
décadas, e da transformação de habitações em
estabelecimentos comerciais e industriais, vêm surgir-se
problemas específicos que caracterizam modos de
comportamento diversos.

Uma das principais preocupações é, na realidade, a recuperação
do conjunto habitacional.

O perfil de análise sociológica analisa grupos sociais
diversos e bem representados no Bairro Alto, pode-se
caracterizar este por abrigar uma forte função residencial com
uma população envelhecida, com um grau primário de
socialização, mas com um forte engajamento produzido por
graus de relação de intimidade quotidiana.

A actuação do Gabinete é orientada, assim, pela possibilidade
de manutenção da população residente e pela função de
grupos sociais mais jovens, através da requalificação urbana e
ambiental.

Para esta tarefa, surge integrada, envolvendo um grupo de
trabalhadores de várias formações, trabalhando em equipa, enquanto
se desenvolve a requalificação do edifício, actuando no terreno

7. GABINETE TÉCNICO DO BAIRRO ALTO (GTBA)

- **consciência de uma necessidade**

A recuperação do edificado no Bairro Alto iniciou-se com a instalação de um Gabinete Técnico, localizado no Bairro, então ainda dependente do Serviço de Obras do Município. A declaração, em 1990, da *Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística do Bairro Alto / Bica*, sob proposta da CML, veio alargar a área de intervenção às freguesias de Santa Catarina e de São Paulo (em parte) e reforçar competências técnicas e administrativas do Gabinete.

São quatro freguesias (Santa Catarina, São Paulo, Encarnação e Mercês), construídas ao longo de cinco séculos. Assim, à degradação do edificado resultante do envelhecimento, da ausência de obras de conservação e beneficiação, ao longo de décadas, e da transformação de habitações em estabelecimentos comerciais e escritórios, vêm juntar-se problemas específicos que caracterizam modos de comportamento diversos.

Uma das primeiras preocupações é, na realidade, a reabilitação do conjunto habitacional.

O padrão de análise sociológica envolve grupos sociais diferentes e bem espalhados no Bairro. Assim, pode-se caracterizar este por possuir uma forte função residencial, com uma população envelhecida, com um grau primário de escolaridade, mas com um forte enraizamento produzido por graus de relação de intimidade quotidiana.

A actuação do Gabinete é norteadada, assim, pela possibilidade de manutenção da população residente e pela fixação de grupos etários mais jovens, através da requalificação urbana e ambiental.

Para isso, numa acção integrada, envolvendo um grupo de técnicos de várias formações, trabalhando em equipa, enquanto se privilegia a requalificação de edificado, actua-se ao mesmo

tempo na formação/sensibilização da população, procuram-se soluções para um tráfego e um "super estacionamento" nocturno e diurno caóticos - estão programados parques de estacionamento subterrâneo -, tenta-se o controlo da poluição sonora e estuda-se regulamentação para controlo da diversão nocturna, tentando, agradando a todos, organizar a reabilitação da vivência populacional da área onde actua. Quanto ao edificado, a intervenção do GTBA caracteriza-se pelo acompanhamento de cerca de 1850 edifícios, correspondentes a 7 981 fogos e 21 393 habitantes.⁽¹²⁾

A estagiária acompanhou de perto todo este processo, que passa por uma gestão urbana, que envolve todas as áreas de conhecimento (juristas, arquitectos, engenheiros, engenheiros técnicos, construtores civis, medidores orçamentistas, desenhadores, sociólogos, assistentes sociais, historiadores, geógrafos e pessoal administrativo), não sendo tão simples como aparenta. Há que assumir, que existe uma grande distância entre o que se pensa como conceito de reabilitação e o que permitem as possibilidades, por agora existentes, em meios humanos, legais e financeiros para o realizar. Surgem problemas de realojamento provisório, melhoramento das condições de habitabilidade, falta de pessoal qualificado para trabalho em obras de construção com particularidades construtivas, coordenação dos serviços do domínio social - acções de sensibilização da população aos problemas do Bairro -, financiamento das obras da parte do proprietário ou da CML - obras RECRUA ou coercivas -, o esforço financeiro da parte da CML, entre outros.

"Há muito por fazer!"⁽¹³⁾

¹² Dados recolhidos no Gabinete Técnico do Bairro Alto e Bica.

¹³ Arqtº Filipe Mário Lopes (Director Municipal de Reabilitação Urbana).

8. PROJECTO INTEGRADO DO PALÁCIO MARIM OLHÃO

O Projecto Integrado do Palácio Marim Olhão, localizado num Bairro que apresenta, a par da degradação do parque edificado, uma estrutura demográfica e social bastante enfraquecida, desenvolve-se em duas frentes simultâneas: a renovação do Palácio propriamente dito, o qual se encontra bastante degradado, e uma operação de requalificação ambiental e funcional da sua zona envolvente, onde se encontram diversos palácios de grande interesse em termos arquitectónicos.

O Projecto envolverá um sistema de parceria que, para além da CML, inclui os proprietários dos edifícios da área envolvente, a Associação Portuguesa de Antiquários, os comerciantes e residentes, e outras instituições que poderão colaborar em diferentes fases de intervenção.

O Palácio Marim Olhão foi mandado construir no século XVIII (2º quartel), tendo sofrido estragos consideráveis quando do terramoto de 1755. Embora tenha sido imediatamente iniciada a sua reconstrução, o palácio nunca chegou a ser acabado, tendo sofrido diversas alterações e divisões ao longo do tempo.

A intervenção agora proposta assenta nos princípios gerais da reabilitação urbana, fomentando o desenvolvimento social e económico, a par da recuperação do edificado. Assim, como medidas para esta acção, pode-se considerar: utilização habitacional de todas as fracções situadas nos 3º, 4º e 5º pisos, conferindo-lhes condições de habitabilidade adequadas e acessos independentes; manutenção do comércio existente e reordenamento do espaço do Salão Nobre e da Capela, de forma a criar espaços comuns de apoio às diversas actividades; reorganização dos espaços devolutos ou subaproveitados, ao nível dos quatro primeiros pisos, para instalação de oficinas de restauro de artes decorativas e mobiliário e criação de novos espaços, através da transferência de habitações aí existentes para pisos superiores; estruturação do espaço do logradouro, criando um acesso para a Travessa das Mercês; e a construção de novos espaços no logradouro e remate do edifício ao nível do 3º piso, na zona Norte.



Fachada principal do Palácio Marim Olhão. Calçada do Combro



Fachada posterior com fortes sinais de degradação. Travessa das Mercês



Pátio interior

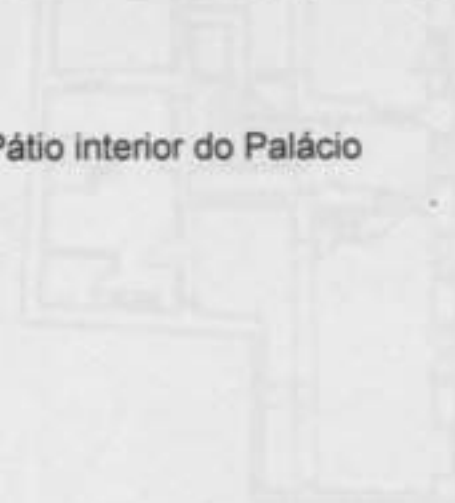
A futura gestão deste equipamento será assegurada pela Empresa Pública Municipal EBAHL (Equipamentos dos Bairros Históricos de Lisboa, EP), prevendo-se a participação dos actores locais, nessa gestão, através da criação de um Conselho Consultivo.

Este Projecto, de requalificação da área envolvente ao Palácio Marim Olhão, engloba 40 edifícios, para os quais se prevêm acções de reabilitação e revitalização das unidades funcionais neles existentes.

A requalificação da frente de rua tem como objectivo, não só a reabilitação dos imóveis incluídos na área - com a melhoria das condições de habitabilidade, nomeadamente a introdução de cozinhas e instalações sanitárias -, mas também a revitalização das unidades comerciais existentes e, principalmente, uma operação de valorização ao nível do espaço público, através do reordenamento das fachadas, corrigindo os elementos publicitários dissonantes e elaborando um estudo de cor para o conjunto.



Pátio Interior do Palácio



Pátio Exterior



Planta do 1.º andar



Planta do 0.º andar

9. PROJECTOS DE REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS

- intervenção no edifício de habitação na Travessa da Boa Hora, nº 19

Este Projecto é uma obra coerciva e consiste no restauro e recuperação de todo o edifício, mantendo a sua função actual - habitação. Foram previstas alterações que visam melhorar as condições de habitabilidade dos inquilinos: renovação de casas de banho e cozinhas, e instalação de redes de águas e esgotos, e execução de instalações eléctricas.

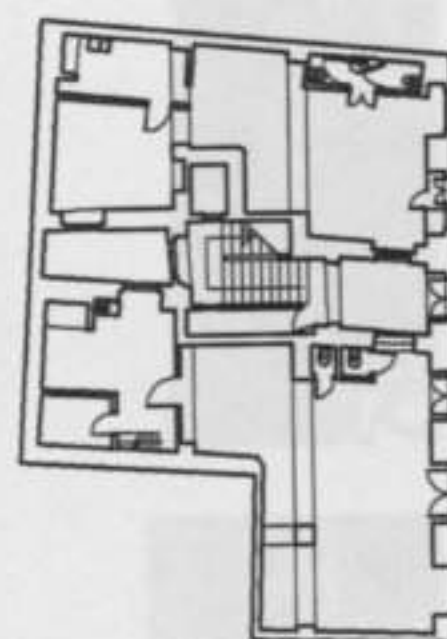
Trata-se de um caso de reabilitação de grau médio/profundo, onde foi substituída a cobertura anterior e reforçada a estrutura inicial com novos elementos. Esta intervenção destina-se a todo o edifício, embora só estivesse em curso a reabilitação do 4º piso, durante o período de Estágio. A obra começou pelo último piso, dado o estado gravoso em que aquele se encontrava.

O andar em questão é constituído por dois fogos. Um com uma cozinha, uma casa de banho e 7 assoalhadas, que se encontra devoluto, e outro com uma cozinha, uma casa de banho e 5 assoalhadas, onde habitavam um casal de idosos até ao início das obras de recuperação.

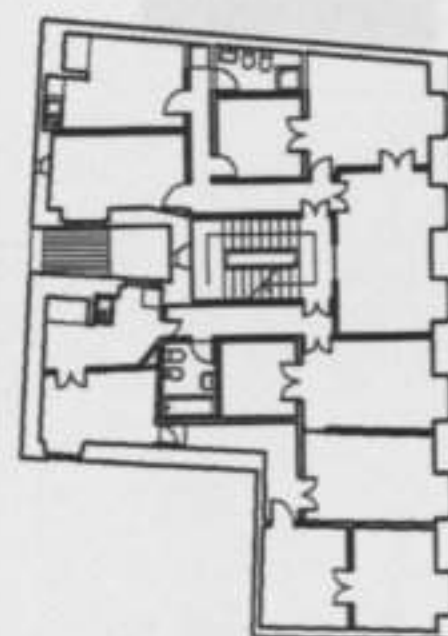
A proposta mantém as duas habitações pré-existentes, prevendo a devolução dos fogos a quem os habitava. Sobre o casal de idosos, sabe-se que está em casa de familiares, porque assim o pediram, por um período de aproximadamente dois anos.

Actualmente, o edifício é habitado pelo porteiro do prédio, um senhor de idade avançada - que vive num "cubículo" de 3,2 metros quadrados há vinte anos ! - e pelos moradores dos restantes pisos. O rés-do-chão é ocupado por um restaurante e respectivo armazém.

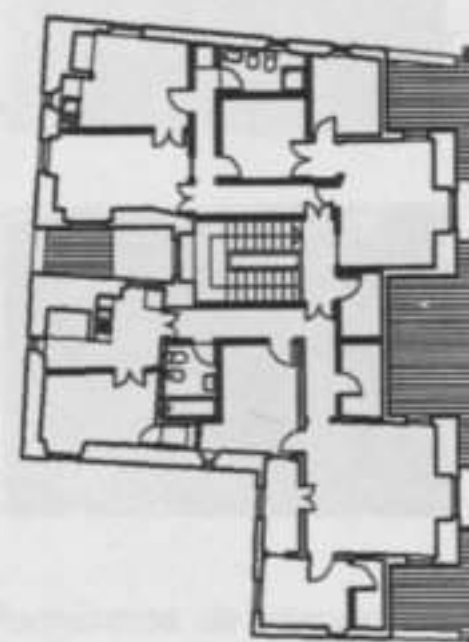
Caracteristicamente pombalina (século XVIII), a estrutura do edifício é em madeira, revestida a alvenaria mista, as paredes em tabique são compostas de ripados de madeira com enchimento de alvenaria e as paredes mestras interiores



Planta do piso 0



Planta dos pisos 1, 2 e 3



Planta do piso 4

encerram a caixa de escadas e fazem travamentos perpendiculares entre si, garantindo a flexibilidade da estrutura, em caso de terramoto. Os pavimentos da cozinha e das casas de banho são cerâmicos e os restantes em soalho assente em barrotes.

A intervenção interior consistiu na limpeza e reforço de paredes e pavimentos, substituindo-se o soalho em estado degradado e os pavimentos das cozinhas e casas de banho.

Redesenharam-se os espaços, nomeadamente das cozinhas e das instalações sanitárias, aumentando as áreas e reorganizando os equipamentos. Todas as tubagens infra-estruturais foram substituídas e melhoradas, nomeadamente com a introdução de novos sistemas de ventilação, tendo sido mantidas no espaço as *couretes* iniciais. As janelas mantiveram-se no mesmo local, tendo apenas havido a substituição de elementos degradados das caixilharias. Os acabamentos interiores das paredes serão em tinta de água e as madeiras estruturais serão submetidas a um tratamento antifungicida tipo *Cuprinol*, e todo o soalho será envernizado.

É de realçar a escolha de Dado nas cozinhas e nas instalações sanitárias, para promover de coralações, e a utilização de lajes de betão nas zonas húmidas.

- **intervenção no edifício de habitação da Rua das Flores, nº 79-97**

Intervenção de recuperação - processo de 10/200m Class
class. particular, C/2 de 2017.

O edifício em recuperação possui um tipo de construção pombalina do século XVIII. Este Projecto - obra de propriedade municipal - visa restaurar e recuperar o 3º piso do edifício, mantendo a sua função actual - habitação.

Os restantes pisos pertencem à Associação de Bombeiros Voluntários de Lisboa (instituição pública) e à Universidade de Terceira Idade (instituição privada), o que gerou conflitos nas negociações para financiamento das obras de recuperação. Os fogos do piso em recuperação estavam devolutos, facilitando, assim, a aquisição dos mesmos pela CML.

Existiam dois fogos situados no terceiro e último piso do edifício. Uma das habitações era constituída por: uma cozinha, uma casa de banho e cinco assoalhadas.



Pormenores de intervenção na Travessa da Boa Hora

A proposta de intervenção de financiamento municipal é propriedade da CML e destina-se a albergar famílias cujas casas estão em processo de recuperação. Um dos fogos existentes, pelo grande número de assoalhadas, foi dividido em dois, resultando, assim, um projecto para três fogos. Trata-se de uma intervenção de grau médio, compreendendo o arranjo das cozinhas e das instalações sanitárias e, em certos casos, na organização espacial.

A parede erguida para separar os fogos foi utilizada para receber os tubos de queda e todo o tipo de canalizações destinadas às casas de banho. Foi evitada a compartimentação excessiva dos espaços, permitindo uma maior permeabilidade e flexibilidade dos mesmos.

Caracterizando os 3 fogos agora existentes, temos dois com uma configuração idêntica: uma sala e uma cozinha, uma casa de banho e 3 quartos (simples, duplo e de casal); e um terceiro fogo, mais pequeno, em área e número de divisões, constituído por: uma sala e uma cozinha, uma casa de banho e 2 quartos (um duplo e um de casal).

É de realçar a elevação do chão nas cozinhas e nas instalações sanitárias, para passagem de canalizações, e a utilização de lajes de betão nas zonas húmidas.

Os materiais de revestimento são:

pavimento da cozinha - mosaico de 10x10cm *Cinca*, série *porcelânico*, cor branca (ref. 201);

paredes da cozinha - azulejo de 15x15cm *Cinca*, série *arquitectos*, cor salmão (ref. 180);

pavimento das instalações sanitárias - mosaico de 20x20cm *Cinca*, série *arquitectos*, cor cinzento azulado (ref. 0154);

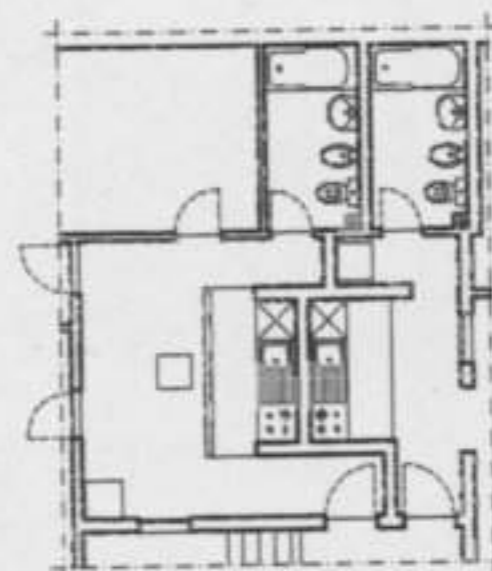
paredes das instalações sanitárias - azulejo de 20x20cm *Pavigrés*, série *arte nova*, cor branco mate (ref. 946).

O pavimento da restante habitação é em madeira e será mantido.

É importante salientar que todas as divisões, à excepção de duas casa de banho, recebem luz natural, quer vinda



Fachada do edifício da Rua das Flores

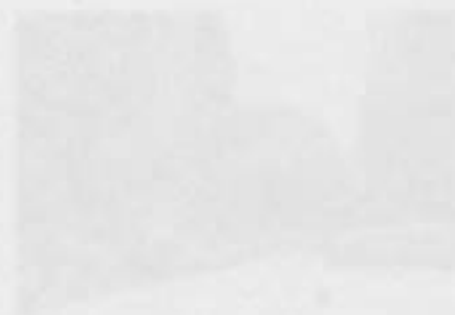


Planta da zona de tratamento de cozinhas e instalações sanitárias de 2 fogos

directamente das fachadas, quer vinda do saguão ou de pequenas clarabóias.

Optou-se pela não colocação de equipamentos fornecidos pela CML, porque isso implicaria a existência de armazéns destinados a guardar o mobiliário e equipamento pertencentes aos moradores, que irão ocupar a habitação apenas temporariamente.

A política de intervenção procura manter ao máximo a estrutura inicial e todos os elementos em bom estado de conservação, como por exemplo, portas, pavimentos e madeiras estruturais. Muitas das divisórias interiores e revestimentos de tectos são em gesso cartonado, tipo *pladur*, material leve e de fácil aplicação.



Rua da Mouraria



Rua 8, Praça de Espanha



Rua de Santa Catarina



Rua da Rosa



Rua 8, Praça de Espanha

10. SÍNTESE CONCLUSIVA

O Bairro Alto tem uma vivência muito própria; entre a comunidade residente ainda se praticam os modos de boa vizinhança e de entreaajuda, que se alargam a qualquer visitante. A malha urbana densa cria barreiras sensitivas que convidam à protecção e ao acolhimento: em plena Lisboa sobrevive uma "província" autónoma que funciona em perfeita sintonia com a "impessoalidade" da grande cidade. As vias delimitadoras do Bairro Alto têm, elas mesmas, um eixo imaginário que as divide.

No Bairro coexistem pacificamente grandes contrastes culturais. O intelectual usufrui da inocência e da pureza espontânea, que tão bem caracteriza os moradores do Bairro. O visitante é bem recebido, mas em nada altera os modos de estar e viver da pequena comunidade.

Pensar o Bairro Alto resulta de um estudo das vivências e características inerentes ao mesmo e é essencial para a execução de uma estratégia de reabilitação. A filosofia de intervenção deverá manter estes modos de vida e, ao mesmo tempo, melhorar substancialmente as condições de habitabilidade das pessoas.

Foi reconstruído na íntegra o miolo de alguns edifícios, foram criadas instalações sanitárias e cozinhas onde não existiam, foram reparadas coberturas e pavimentos. Mas tudo de uma forma muito pontual, salpicando o Bairro Alto de intervenções que marcam uma vontade, saram algumas feridas, mas não estabelecem um método global de intervenção. Será necessário passar a uma fase mais ponderada do processo de reabilitação urbana do Bairro Alto.

A metodologia de intervenção do Gabinete Técnico do Bairro Alto (GTBA) passa pela resolução urgente de casos considerados críticos. Estas áreas críticas não permitem uma maturação metodológica devido à rápida necessidade de intervenção. Resulta daqui que a acção se sobrepõe à reflexão, fazendo emergir discrepâncias relevantes. O facto de se encomendarem projectos a ateliers exteriores encarece o processo de recuperação e inutiliza toda a análise de



Rua da Misericórdia



Rua S. Pedro de Alcântara



Rua do Século



Rua da Rosa



Jardim S. Pedro de Alcântara

caracterização do Bairro Alto, levada a cabo pelo Gabinete, bem como a maturação adquirida durante esse processo. Cabe assim ao Gabinete um mero papel passivo na execução projectual; ao invés de protagonizar uma acção educativa e explicativa, sensibilizando os habitantes do Bairro e outros técnicos envolvidos no processo, apenas fiscaliza e impõe regras pré-definidas, gerando algumas polémicas em situações concretas. Esta acção de formação deve destinar-se aos habitantes e senhorios do Bairro Alto.

Dever-se-ia activar a equipa interdisciplinar já existente no GTBA que acompanha todo o processo projectual, ao invés de ficar apenas no campo da investigação. Seria, também, proveitoso criar uma equipa especializada, com formação contínua para a execução das obras, que garantisse e controlasse a qualidade das mesmas.

A *Carta de Roma* está presente na filosofia de recuperação do Bairro Alto, na medida em que se procede a uma "limpeza" de edifícios para uma perfeita identificação dos mesmos. Limpeza esta que diz respeito ao exterior e que não se aplica ao interior, perdendo-se muitas vezes tipologias espaciais importantes que também caracterizam um edifício notável.

Cabe ainda ao GTBA realojar os habitantes do Bairro, durante o processo de reabilitação dos fogos, sendo que, para isso, aquele dispõe de alguns edifícios no Bairro, já recuperados. Há situações onde as pessoas são alojadas em casas de familiares, por uma questão de comodidade. Durante todo este período em que acontecem as obras, o Gabinete ainda tem responsabilidades para com os moradores. Por isso, assim que estes retornam (à casa amada), deveriam ser acompanhados por um sociólogo e/ou por uma assistente social. Dever-se-ia fazer uma abordagem - através de inquéritos - da opinião, no sentido de melhorar e tornar mais produtivo o trabalho do próprio Gabinete.

Poderiam coexistir dois tipos de reabilitação que enriqueceriam o Bairro Alto; uma que garantisse a flexibilidade espacial para permitir uma maior variedade de ocupações futuras e outra que satisfizesse as necessidades prementes de situações concretas de habitantes do Bairro. Existem edifícios em processo de recuperação, com pisos devolutos, ou mesmo edifícios

camarários que poderiam perfeitamente adequar-se a uma solução espacial mais flexível, contemplando, assim, eventuais ocupações.

A recuperação do Bairro Alto passa, também, por uma "limpeza" do espaço público, reduzindo o fluxo diário a dois ou três eixos estruturantes. No GTBA tentou-se solucionar o problema impedindo o estacionamento, através da colocação de elementos metálicos ao longo dos passeios. Esta é uma falsa solução, porque, embora impeça o estacionamento, dificulta a circulação do trânsito, nomeadamente a veículos de carga. A marcação é excessiva e impede a leitura da rua, apesar dos carros já não ocuparem os passeios. Seria, talvez, mais adequado impedir a circulação interna de veículos, condicionando as cargas e descargas a um horário fixo, garantindo, no entanto, estacionamento alternativo. Felizmente, já se apontam alguns factores nesse sentido. Mais uma vez, a urgência de acção sobrepôs-se a uma reflexão cuidada.

Atendendo aos meios de que o GTBA dispõe, bem como à regulamentação existente e à situação crítica em que se encontra a maioria do edificado e dos habitantes do Bairro Alto, talvez esta seja a única atitude possível !

LISTA DE ABREVIATURAS

BARATA, J. P. Maria, *Pensar Lisboa*, Lisboa, ed. Livros Horizonte, 1998.

C M L Câmara Municipal de Lisboa

CABRE, João, *Reconstrução Urbana em Lisboa*, Carlos Alberto, Monografia Portuguesa sobre Inovação na Reabilitação de Edifícios, Lisboa, ed. MOPT/INEC, Mar. 1988.

CARRILHO, António, *Reconstrução Urbana em Lisboa*, Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios, Lisboa, ed. CML, 1984.

G T B A Gabinete Técnico do Bairro Alto e Bica

CALADO, Maria e FERREIRA, Vitor Manuel, *Lisboa - Freguesia de São Catarina (Bairro Alto)*, Lisboa, DGE, 1992.

L N E C Laboratório Nacional de Engenharia Civil

CARTEA, Herculano, *Saneamento e Modos Arquitectónicos*, Lisboa, ed. CML, 1984.

COSTA, João de, *Reconstrução Urbana em Lisboa*, *Contribuição ao Estado da Arte*, Reconstrução Urbana em Lisboa, Lisboa, ed. CML, Mar/Abr 1982.

M O P T Ministério das Obras Públicas e Transportes

DIAS, Maria Tereza, *Photographies de Lisboa 1900*, Lisboa, Quimera Editora, 2ª edição, 1980.

R E C R I A Regime Especial de Participação e Recuperação de Imóveis

DIAS, Maria Tereza, *Lisboa Desconhecida*, Coimbra, Quimera Editora, Out. 1991.

Arrendados

DIAS, Maria Tereza, *Lisboa Desconhecida - volume 2*, Coimbra, Quimera Editora, 2ª edição, Nov. 1991.

DIAS, Maria Tereza, *Lisboa Desconhecida - volume 4*, Coimbra, Quimera Editora, Nov. 1994.

DUARTE, Maria Luísa e NOGUEIRA, Adriano Zilber, *Relatório Ato - Contribuição para o Estado de uma Comissão em Transformação*, Lisboa, Sociedade e Território, ano 1, nº 2, Fev. 1988.

FRANÇA, José Augusto, *Lisboa Pontual e o Simbolismo*, Lisboa, Bertrand Editora, 3ª edição, Dez. 1987.

JORGE, Filipe, *Lisboa Vista do Ceu*, Lisboa, Ed. Argumentum, Jun. 1994.

LOPES, Filipe Mário, *Património, Ambiente e Reabilitação Urbana*, Lisboa, Sociedade e Território, nº 14/15, Dez. 1991.

LOPES, Filipe Mário, *Reabilitação Urbana em Lisboa*, Lisboa, Sociedade e Território, nº 20/21, Mar. 1992, p. 73-76.

MESQUITA, Alfredo, *Lisboa - Criação e Estudos*, Lisboa, Ed. Perspectivas e Realidade, 1987.

NASCIMENTO, José Maria do, *Classificação Funcional dos Revestimentos de Pisos e das Lousas*, Lisboa, ed. LNEC, 1988.

NEVES, Gonçalo José Urbano, *Duário de Saneamento, Metodologia de Diagnóstico na Reabilitação do Património Edifício*, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra / Departamento de Arquitectura, 1994.

BIBLIOGRAFIA

- RAMOS, Eugénio, *Alguns Reflexões sobre a RECON, Lisboa, Jornal dos Arquitectos, nº 1172, Nov. 1988.*
- ROSSA, Vitor, *Estratégias de Evolução Urbana de Lisboa entre a Reconstrução e as Inovações Francesas, Douçra, Razesina, ano XXI, 02, 1994, p.25-43.*
- BARATA, J. P. Martins, *Pensar Lisboa*, Lisboa, ed. Livros Horizontal, 1989.
- CABRITA, António Reis; AGUIAR, José e ALHO, Carlos Alberto, *Monografia Portuguesa sobre Inovação na Reabilitação de Edifícios*, Lisboa, ed. MOPT/LNEC, Mar. 1988.
- CABRITA, António Reis; APPLETON, João e AGUIAR, José, *Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto*, Lisboa, ed. CML/LNEC, Dez. 1992.
- CALADO, Maria e FERREIRA, Vítor Matias, *Lisboa - Freguesia de Santa Catarina (Bairro Alto)*, Lisboa, Guias contexto, Jun. 1992.
- CARITA, Helder, *Bairro Alto, Tipologias e Modos Arquitectónicos*, Lisboa, ed. CML, 1994.
- COSTA, Jorge da, *Património, Métodos de Intervenção - Caracterização do Edificado (VI) - Revestimentos/Rebocos*, Porto, Materiais de Construção, ano IX, nº 41, Mai/Jun 1992.
- DIAS, Marina Tavares, *Photographies de Lisboa 1900*, Lisboa, Quimera Editores, 2ª edição, 1989.
- DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida*, Coimbra, Quimera Editores, Out. 1991.
- DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida - volume 2*, Coimbra, Quimera Editores, 2ª edição, Nov. 1991.
- DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida - volume 4*, Coimbra, Quimera Editores, Nov. 1994.
- DUARTE, Maria Isabel e NOGUEIRA, Adriano Zilhão, *Bairro Alto - Contribuição para o Estudo de uma Comunidade em Transformação*, Lisboa, Sociedade e Território, ano I, nº 2, Fev. 1985.
- FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, Bertrand Editora, 3ª edição, Dez. 1987.
- JORGE, Filipe, *Lisboa Vista do Céu*, Lisboa, Ed. Argumentum, Jun. 1994.
- LOPES, Filipe Mário, *Património, Ambiente e Reabilitação Urbana*, Lisboa, Sociedade e Território, nº 14/15, Dez. 1991.
- LOPES, Filipe Mário, *Reabilitação Urbana em Lisboa*, Lisboa, Sociedade e Território, nº 20/21, Mar. 1992, p. 73-78.
- MESQUITA, Alfredo, *Lisboa - Compilação e Estudos*, Lisboa, Ed. Perspectivas e Realidades, 1987.
- NASCIMENTO, José Martins do, *Classificação Funcional dos Revestimentos de Piso e dos Locais*, Lisboa, ed. LNEC, 1996.
- NEVES, Gonçalo José Urbano Curado de Seça, *Metodologias de Diagnóstico na Reabilitação do Património Edificado*, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra / Departamento de Arquitectura, 1994.

OSÓRIO, Helena, *Portuguesa, Com Certeza*, Lisboa, Casa - Arquitectura e Construção, nº 5, Set. 1998, p. 36-44.

RAMOS, Eugénio, *Algumas Reflexões sobre o RECRIA*, Lisboa, Jornal dos Arquitectos, nº 71/72, Nov. 1988.

ROSSA, Walter, *Episódios da Evolução Urbana de Lisboa entre a Restauração e as Invasões Francesas*, Bologna, Rassegna, ano XVI, 59, 1994, p.28-43.

SIZA, Alvaro, *Ignorância de Lisboa*, Bologna, Rassegna, ano XVI, 59, 1994, p. 18, 19.

Anónimo, *Centro Histórico do Bairro Alto - Reabilitação Urbana Desafia Empresas de Construção*, Lisboa, Indústria da Construção, nº 104, Fev. 1991.

Bairros Históricos de Lisboa, Lisboa, Jornal dos Arquitectos, ano XIII, nº 151, Set. 1995.

Lisboa, Reabilitação Urbana de Núcleos Históricos, Lisboa, ed. Câmara Municipal de Lisboa/Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos, Mar. 1993.

Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica, volume 5, Lisboa, ed. CML - DMRU - GLBAB, Set. 1996.

Reabilitação, Conservação, Lisboa, Jornal dos Arquitectos, nº 136/137, Jun/Jul 1994.

Recuperação, Reutilização, Reabilitação, Lisboa, Jornal dos Arquitectos, nº 147, Mai. 1995.

JOÃO ROBERTO CORREIA
Professor Doutor Arquitecto
Rua Costa do Castelo, 48 A/C 2
1100 Lisboa
Tel. 213114 - Fax 21311422

PARECER

JOÃO ROBERTO CORREIA, Professor Doutor da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Responsável pela Disciplina "Requalificação Urbana" (5º Ano) do Curso de Arquitectura do Planeamento Urbano e Territorial 1996/1997, para efeitos de Candidatura a Bolsa de Estágio da candidata Arqta Estagiária Rita Ambrósio de Sousa, residente na Praça Ilha do Póvoa, 8 - 5º Esq, 1000 Lisboa, com o telefone n.º 3576341, portadora do B.I. n.º 10352573, de 30.03.93, emitido pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, declara o seguinte:

1. A Candidata concluiu em Dezembro de 1997 a disciplina de "Projecto" - 5º Ano - com a média final de 16 valores.
2. A Candidata apresentou altas qualidades para trabalhar em grupo, tendo desenvolvido investigação científica a nível documental e de campo, apresentou trabalhos com elevada expressão gráfica e conteúdo, bem como qualidade de apresentação final e poder de síntese.
3. Realizou o seu estágio na Câmara Municipal de Lisboa, na Direcção Municipal de Reabilitação Urbana/Gabinete Técnico do Bairro Alto e Bica (GTBA) de 2 de Janeiro de 1998 a 30 de Junho de 1998, participou na acção de reabilitação urbana de bairros históricos particularmente degradados, inserida numa equipa de trabalho correspondente a uma das freguesias do bairro - a freguesia de Santa Catarina -, tendo demonstrado bons conhecimentos técnicos e práticos, interesse pela investigação científica, rigor na aplicabilidade e facilidade nas relações públicas. Pode confirmar-se que a Candidata apresentou o seu Relatório em condições de ser aprovado.

Conclusão

Pode concluir-se que a Arqta Estagiária Rita Ambrósio de Sousa se torna indicada para desenvolver trabalhos em Centros Históricos e Património, Áreas de Valor Patrimonial, Recuperação, Reabilitação e Revitalização de Sítios bem como participar em Gabinetes do Plano de Salvaguarda e Gabinetes Técnicos Locais.

Lisboa, 29 de Outubro de 1998.

O Supervisor

Rita Ambrósio de Sousa

Rita Ambrósio de Sousa

(Prof. Doutor João Roberto Correia)

JOÃO ROSADO CORREIA

Professor Doutor Arquitecto
Rua Costa do Castelo, 45 R/C C
1100 Lisboa
tel. 8875414 fax. 8871422



PARECER

JOÃO ROSADO CORREIA, Professor Doutor da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Responsável pela Disciplina "Requalificação Urbana" (5º Ano) do Curso de Arquitectura do Planeamento Urbano e Territorial 1996/1997, para efeitos de Candidatura a **Bolsa de Estágio** da candidata Arqtª Estagiária **Rita Ambrósio de Sousa**, residente na Praça Ilha do Faial, 8 - 6º Esq, 1000 Lisboa, com o telefone n.º 3576341, portadora do B.I. n.º 10352573, de 30.03.93, emitido pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, declara o seguinte:

1. A Candidata concluiu em Dezembro de 1997 a disciplina de "Projecto" - 5º Ano - com a média final de 16 valores.
2. A Candidata apresentou altas qualidades para trabalhar em grupo, tendo desenvolvido investigação científica a nível documental e de campo, apresentou trabalhos com elevada expressão gráfica e conteúdo, bem como qualidade de apresentação final e poder de síntese.
3. Realizou o seu estágio na Câmara Municipal de Lisboa, na Direcção Municipal de Reabilitação Urbana/Gabinete Técnico do Bairro Alto e Bica (GTBA) de 2 de Janeiro de 1998 a 30 de Junho de 1998, participou na acção de reabilitação urbana de bairros históricos particularmente degradados, inserida numa equipa de trabalho correspondente a uma das freguesias do bairro - a freguesia de Santa Catarina -, tendo demonstrado: bons conhecimentos teóricos e práticos, interesse pela investigação científica, rigor na aplicabilidade e facilidade nas relações públicas. Pode confirmar-se que a Candidata apresentou o seu Relatório em condições de ser aprovado.

Conclusão:

Pode concluir-se que a Arqtª Estagiária **Rita Ambrósio de Sousa** se torna indicada para desenvolver trabalhos em Centros Históricos e Paisagísticos, Áreas de Valor Patrimonial, Recuperação, Reabilitação e Revitalização de Sítios bem como participar em Gabinetes de Planos de Salvaguarda e Gabinetes Técnicos Locais.

Lisboa, 20 de Outubro de 1998.

O Supervisor

(Prof. Doutor João Rosado Correia)

Parecer de estágio da Arquitecta estagiária Rita Ambrósio de Sousa

Ao longo de todo o período de estágio - de 2 de Janeiro a 30 de Junho de 1998 -, a estagiária demonstrou nos diferentes processos em que esteve envolvida um nível de conhecimentos técnico-científicos bastante aceitável, tendo sido direccionada para diferentes áreas de trabalho, embora acompanhada pelo seu orientador de estágio.

Foi cumprido o seu plano de estágio e ainda lhe foram acrescentados alguns trabalhos que foram surgindo durante o período de permanência no gabinete.

Demonstrou um à vontade na análise das dificuldades surgidas com a elaboração de algumas propostas, que posteriormente foram englobadas nos projectos finais.

Teve sempre um interesse em melhorar os seus conhecimentos profissionais para posterior discussão com os seus coordenadores.

Durante o período que foi seguida pelo seu orientador deu mostras de boa capacidade de resolver os problemas de uma forma correcta, mostrando capacidade de iniciativa.

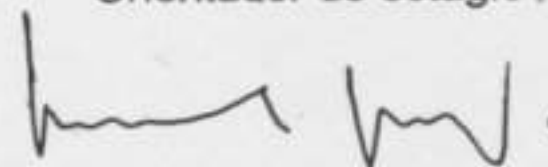
Revelou uma boa criatividade ao longo dos trabalhos realizados.

Demonstrou, ao longo do estágio um bom empenhamento e uma boa assiduidade, bem como um bom relacionamento humano e capacidade de trabalho de equipa com todos os colaboradores do gabinete.

Assim, pode-se afirmar que a Arquitecta estagiária Rita Ambrósio de Sousa, se encontra apta para desenvolver trabalhos na sua actividade profissional.

Lisboa, 21 de Outubro de 1998

Orientador do estágio .



Arquitecto Emanuele Pezzato

